

**UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA**



**Parentalidade, Adaptação e Temperamento da Criança:
estudo com uma amostra clínica de crianças em idade escolar**

Marta Alexandra Farinha Mendes Pinheiro

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia da Saúde e da Doença)

2015

**UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA**



**Parentalidade, Adaptação e Temperamento da Criança:
estudo com uma amostra clínica de crianças em idade escolar**

Marta Alexandra Farinha Mendes Pinheiro

Dissertação orientada por Doutora Ana Isabel de Freitas Pereira

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia da Saúde e da Doença)

2015

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar os meus sinceros agradecimentos a todos aqueles que me acompanharam ao longo desta caminhada e que, de alguma forma, contribuíram para que este trabalho fosse possível.

À professora Ana Isabel Pereira, minha orientadora, pela partilha de conhecimentos, pelo apoio, compreensão e incentivo a tentar sempre mais e melhor. Guardarei com carinho tudo aquilo que me ensinou.

A todas as mães que aceitaram participar neste estudo, o meu muito obrigada. Sem vocês, este trabalho não seria possível.

Ao Dr. Miguel Palha, diretor clínico do centro Diferenças, por ter aberto as portas da instituição para a colaboração nesta investigação.

À Dra. Fátima Trindade, por toda a ajuda e disponibilidade na recolha de dados da amostra de crianças com dificuldades de aprendizagem. Um bem haja!

Aos restantes elementos da equipa do Diferenças, que muito contribuíram para a seleção e recolha de dados da restante amostra. O meu muito obrigada pela vossa colaboração.

Às minhas colegas de estágio, Inês, Rita e Mariana, pelo apoio e força ao longo deste percurso.

Aos meus amigos, que estiveram sempre presentes nos bons e maus momentos desta caminhada. Muito obrigada pelo vosso apoio e encorajamento.

À minha família, em especial aos meus pais, pelo amor e apoio incondicionais.

Aos meus filhos, Diana e Daniel, a quem dedico este trabalho. Muito obrigada pela vossa compreensão nas ausências da mãe, para poder concluir este trabalho. Vocês tornam os meus dias mais felizes.

RESUMO

Enquadramento: Práticas parentais negativas têm sido associadas a problemas comportamentais e emocionais da criança. A relevância das características individuais da criança, tanto para as práticas parentais, como para os problemas de adaptação da mesma, também tem recebido suporte empírico, embora a maioria dos estudos se foque na primeira infância. Por outro lado, poucos são os estudos que avaliam a regulação emocional dos pais como uma dimensão da parentalidade. Assim sendo, este trabalho tem como finalidade examinar as relações entre as estratégias educativas e de heteroregulação emocional maternas, o temperamento e a adaptação da criança. **Metodologia:** Participaram neste estudo 50 crianças, com idades compreendidas entre os 6 e os 11 anos e as respetivas mães. A amostra foi dividida em dois grupos clínicos: um grupo com problemas de externalização (n=26) e um grupo com dificuldades de aprendizagem (n=24). A avaliação das práticas maternas foi realizada através do *Questionário de Práticas Parentais*. Recorreu-se ao *Questionário de Reações Parentais às Emoções Negativas dos Filhos*, para avaliar as estratégias de heteroregulação emocional parental. A avaliação do temperamento e da adaptação da criança foi feita com recurso ao *Questionário Sobre o Comportamento da Criança- Versão Breve* e ao *Questionário de Capacidades e Dificuldades*, respetivamente. **Resultados:** De acordo com os resultados, podemos verificar: 1) uma associação significativa entre disciplina parental inconsistente e problemas de comportamento; 2) uma relação significativa entre elevada emocionalidade negativa e elevada extroversão e problemas de comportamento e hiperatividade; 3) uma associação entre elevada extroversão e emocionalidade negativa e disciplina parental inconsistente.; e 4) uma associação significativa entre estratégias de heteroregulação emocional parental negativas e emocionalidade negativa. **Conclusões:** Os resultados deste estudo suportam a existência de uma relação entre dimensões da parentalidade e dimensões da criança e apoiam a importância de aspetos específicos da parentalidade e do temperamento da criança para a compreensão dos níveis de adaptação da mesma. No entanto, as direções das associações encontradas são ainda desconhecidas. A consideração destes fatores permitirá antecipar dificuldades e adotar intervenções parentais que promovam uma parentalidade mais positiva e adaptada às características individuais de cada criança.

Palavras-Chave: Práticas Parentais; Regulação Emocional Parental; Temperamento; Adaptação

ABSTRACT

Background: Negative parenting practices have been associated with child behavioral and emotional problems. The relevance of individual characteristics of the child, both to the parenting practices, as to the problems of adaptation, has also received empirical support, although most studies focus on early childhood. On the other hand, there are only a few studies that assess the emotional regulation of the parents as a dimension of parenting. Therefore, the goal of this work is to examine the relationship between educational strategies and maternal emotional hetero-regulation, temperament and child adjustment. **Methods:** The sample consisted of 50 children, aged 6 to 11 years and their respective mothers. The sample was divided into two clinical groups: a group with externalizing problems ($n = 26$) and a group with learning difficulties ($n = 24$). Assessment of maternal practices was performed using the *Parental Practices Interview*. To assess the strategies of parental emotional hetero-regulation we used *Coping with Children's Negative Emotions Scale*. The evaluation of temperament and child adjustment was performed through the *Child Behavior Questionnaire - short form* and the *Strengths and Difficulties Questionnaire*, respectively. **Results:** According to the results, we can observe: 1) a significant association between inconsistent parental discipline and behavior problems; 2) a significant relationship between high negative emotionality and high extraversion and behavior problems and hyperactivity; 3) an association between esurgency and high negative emotionality and inconsistent parental discipline; and 4) a positive association between negative strategies of parental emotional hetero-regulation and negative emotionality. **Conclusions:** The results of this study support the existence of a relationship between dimensions of parenting and child's dimensions and support the importance of specific aspects of parenting and child temperament to understand the levels of child's adaptation. However, the directions of these associations are still unknown. Consideration of these factors will anticipate difficulties by adopting parenting interventions that promote a more positive parenting tailored to each child's individual characteristics.

Keywords: Parental Practices; Parental Emotional Regulation; Temperament; Adaptation

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo I – Protocolo de Consentimento Informado dos Pais para a Participação das Crianças no Estudo.....	72
--	----

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS.....	i
RESUMO	ii
ABSTRACT.....	iii
ÍNDICE DE ANEXOS	iv
ÍNDICE DE QUADROS E TABELAS.....	vii
INTRODUÇÃO	1

CAPÍTULO I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1. Parentalidade e Adaptação da Criança.....	3
1.2 Parentalidade e Adaptação: uma relação unilateral?.....	6
2. Temperamento e Adaptação da Criança.....	8
2.1. Temperamento e Parentalidade na Adaptação da Criança.....	9
3. Regulação Emocional Parental e Adaptação da Criança.....	13

CAPÍTULO II - CONCEPTUALIZAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA

1. Introdução.....	17
2. Objetivos Específicos	17
3. Metodologia	18
3.1. Desenho da Investigação	18
3.2. Amostra	18
3.3. Medidas e Instrumentos de Avaliação	21
3.3.1. Hetero-Regulação Emocional Parental - <i>Coping with Children's Negative Emotions Scale</i> – CCNES (Fabes, Eisenberg & Bernzweig, 1990).....	22
3.3.2. Temperamento da Criança – <i>The Child Behavior Questionnaire, Short Form</i> – CBQ SF (Putnam & Rothbart , 2006).....	23
3.3.3. Estratégias Maternas: <i>Parent Practices Interview</i> - PPI (Webster-Stratton, 1998).....	24

3.3.4. Adaptação da Criança: <i>Strengths and Difficulties Questionnaire</i> – SDQ (Goodman, 1997).....	24
3.3.5. Questionário de Informação Sociodemográfica.....	25
3.3.6. Questionário de Informação Clínica.....	25
3.4. Procedimento de Recolha de Dados	26
3.5. Procedimentos de Análise Estatística	26
CAPÍTULO III - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS	
Estudos de fiabilidade dos instrumentos utilizados.....	28
1. Caracterização das Práticas Educativas Maternas.....	30
2. Caraterização das Estratégias de Hetero-Regulação Emocional Parental.....	31
3. Associação entre Práticas Parentais e Estratégias de Hetero-Regulação Emocional Parental.....	32
4. Caraterização do Temperamento da Criança.....	34
5. Caraterização da Adaptação da Criança.....	35
6. Associação entre a Adaptação e o Temperamento da Criança.....	37
7. Associação entre as Dimensões da Parentalidade e as Dimensões da Criança.....	39
7.1. Associação entre Práticas Parentais e Temperamento da Criança.....	39
7.2. Associação entre Práticas Parentais e Adaptação da Criança.....	40
7.3. Associação entre Estratégias de Hetero-Regulação Emocional e Temperamento da Criança.....	43
7.4. Associação entre Estratégias de Hetero-Regulação Emocional e Adaptação da Criança.....	45
CAPÍTULO IV - DISCUSSÃO DE RESULTADOS	47
CAPÍTULO V - CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	63

ÍNDICE DE QUADROS E TABELAS

QUADROS

Quadro 1: Caraterização das variáveis sociodemográficas das crianças.....	19
Quadro 2: Caraterização das variáveis sociodemográficas da família.....	19
Quadro 3: Dimensões e Escalas do Questionário sobre o Comportamento da Criança – Versão Breve.....	23

TABELAS

Tabela 1 – Consistência interna (PPI).....	28
Tabela 2 – Consistência interna (CCNES).....	28
Tabela 3 – Consistência interna (CBQ).....	29
Tabela 4 – Consistência interna (SDQ).....	29
Tabela 5- Práticas Parentais na Amostra Global.....	30
Tabela 6 – Práticas Parentais: GDA vs GPC.....	31
Tabela 7– Estratégias de Regulação Emocional Parental – Amostra Global.....	31
Tabela 8 – Estratégias de Regulação Emocional Parental - GDA vs GPC.....	32
Tabela 9– Correlações entre Práticas Parentais e Estratégias de Regulação Emocional- Amostra Global.....	32
Tabela 10 – Correlações entre Práticas Parentais e Estratégias de Regulação Emocional- GDA.....	33
Tabela 11 – Correlações entre Práticas Parentais e Estratégias de Regulação Emocional- GPC.....	34
Tabela 12 – Caraterização das Dimensões do Temperamento da Criança – Amostra Global.....	35
Tabela 13 – Caraterização das Dimensões do Temperamento da Criança -GDA vs GPC.....	35
Tabela 14 – Caraterização das Dimensões da Adaptação da Criança - Amostra Global.....	36
Tabela 15 – Caraterização das Dimensões da Adaptação da Criança - GDA vs GPC.....	36

Tabela 16 – Correlações entre Adaptação e Temperamento da Criança - Amostra Global.....	37
Tabela 17 - Correlações entre Adaptação e Temperamento da Criança – GDA.....	38
Tabela 18 – Correlações entre Adaptação e Temperamento da Criança – GPC.....	38
Tabela 19 – Correlações entre Práticas Parentais e Temperamento da Criança-Amostra Global.....	39
Tabela 20 – Correlações entre Práticas Parentais e Temperamento da Criança – GDA.....	39
Tabela 21 - Correlações entre Práticas Parentais e Temperamento da Criança – GPC.....	40
Tabela 22 – Correlações entre Práticas Parentais e Adaptação da Criança – Amostra Global.....	41
Tabela 23 – Correlações entre Práticas Parentais e Adaptação da Criança – GDA.....	41
Tabela 24 – Correlações entre Práticas Parentais e Adaptação da Criança – GPC.....	42
Tabela 25 – Correlações entre Estratégias de Regulação Emocional Parental e Temperamento da Criança – Amostra Global.....	43
Tabela 26 – Correlações entre Estratégias de Regulação Emocional Parental e Temperamento da Criança – GDA.....	44
Tabela 27 – Correlações entre Estratégias de Regulação Emocional Parental e Temperamento da Criança – GPC.....	44
Tabela 28 – Correlações entre Estratégias de Regulação Emocional Parental e Adaptação da Criança – Amostra Global.....	45
Tabela 29 – Correlações entre Estratégias de Regulação Emocional Parental e Adaptação da Criança – GDA.....	45
Tabela 30 – Correlações entre Estratégias de Regulação Emocional Parental e Adaptação da Criança – GPC.....	46

INTRODUÇÃO

O presente trabalho resulta da investigação conducente à elaboração da dissertação de mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, submetida à Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. Este estudo encontra-se integrado num projeto de investigação mais alargado, denominado “Pais à Medida”, que tem como objetivo geral analisar a relação entre parentalidade, adaptação e temperamento da criança.

A parentalidade tem sido apontada como um fator determinante do nível de desenvolvimento e adaptação da criança (Collins, Maccoby, Steinberg, Hetherington, & Bornstein, 2000; Cruz, 2005). De fato, práticas parentais negativas, como disciplina punitiva, pouca supervisão e baixo envolvimento afetivo, têm sido associadas a problemas comportamentais e emocionais na infância e adolescência (Weiss, Dodge, Bates & Pettit, 1992; Sheehan & Watson, 2008). Por sua vez, Bell (1979) propõe que esta relação é bidirecional, na medida em que os comportamentos parentais são permeáveis aos resultados desenvolvimentais das crianças e alteram-se em função deles. Segundo o modelo integrativo de Belsky (1997), a parentalidade é determinada, tanto pelas características dos pais, como pelas características individuais da criança, num contexto específico de socialização. Vários estudos (Stright, Kelley & Gallagher, 2008; Ulbricht, Saudino, Reiss & Neiderhiser, 2010) têm, assim, confirmado o impacto de aspetos específicos do temperamento da criança, tanto para as práticas parentais, como para a compreensão dos níveis de adaptação da criança.

Neste enquadramento, a presente investigação tem como finalidade o estudo das relações entre práticas educativas maternas, hetero-regulação emocional parental, adaptação e temperamento da criança., numa amostra clínica de crianças em idade escolar. Espera-se poder contribuir não só para a melhoria do conhecimento sobre esta temática, como para intervenções psicológicas que possam prevenir ou moderar o aparecimento de problemas de adaptação na infância e adolescência, através do fornecimento de dados que poderão ser úteis para a adequação de estratégias parentais mais eficazes e adaptadas às características individuais de cada criança.

Este trabalho está dividido em cinco capítulos: no Capítulo I, encontra-se a apresentação da literatura relativa à temática em estudo. Neste capítulo, estão integrados

os estudos relevantes à compreensão do estado da arte em relação ao foco do estudo. O Capítulo II dedica-se à conceptualização do estudo empírico, integrando a apresentação dos objetivos do estudo, a caracterização da amostra, os instrumentos de recolha de dados, os procedimentos dessa recolha e os procedimentos de análise estatística dos dados. O Capítulo III, também correspondente ao estudo empírico, destina-se à apresentação e análise dos resultados estatisticamente obtidos, que se descrevem de acordo com os objetivos específicos delineados. No Capítulo IV, os principais resultados da investigação são discutidos, com base na revisão de literatura efetuada. Por fim, no Capítulo V, são tecidas algumas considerações finais do estudo que englobam, não só os contributos do mesmo, como também as principais conclusões e implicações a nível da prevenção e intervenção na saúde mental, apresentando algumas limitações encontradas durante a realização da investigação e ainda sugestões para investigações futuras.

CAPÍTULO I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. Parentalidade e Adaptação da Criança

A parentalidade pode ser entendida como um conjunto de ações encetadas pelas figuras parentais junto dos seus filhos no sentido de promover o seu desenvolvimento da forma mais plena possível (Cruz, 2005). De facto, são vários os estudos que têm demonstrado a enorme influência da parentalidade nos diversos domínios de desenvolvimento da criança (Collins, Maccoby, Steinberg, Hetherington, & Bornstein, 2000; Cruz, 2005). A investigação realizada ao longo das últimas décadas tem permitido alargar o conceito de parentalidade a três dimensões distintas, mas relacionadas entre si - comportamentos, afetos e cognições (Cruz, 2005). No presente estudo, serão abordadas as duas primeiras dimensões.

Os estudos iniciais sobre parentalidade focaram-se nos comportamentos educativos parentais (estilos ou práticas parentais) e na influência preponderante destes na adaptação da criança (Baumrind, 1967; Baumrind & Black, 1967; Cruz, 2005).

Baumrind (1967) desenvolveu inicialmente um estudo com 32 crianças, entre os 3 e os 4 anos de idade, e respetivas famílias. O objetivo passou por entender como é que a competência das crianças estava associada a determinados estilos parentais. A informação foi recolhida através de entrevistas aos pais e observações naturalistas na casa das famílias. Foram identificados três grupos distintos de padrões comportamentais que foram associados, posteriormente, a três padrões educativos: o *padrão autoritativo*, que correspondia a níveis altos de comunicação com os filhos, envolvimento parental e expressão de afeto, um elevado nível de controlo, exigência e encorajamento da autonomia. Este padrão estava associado a crianças competentes, ou seja, com níveis elevados de autocontrolo, autoconfiança e satisfação com elas próprias. O *padrão autoritário*, que correspondia a pais com um alto controlo, mas pouca expressão de afeto, estava associado ao grupo de crianças inibidas, ou seja, com emocionalidade mais negativa, socialização pobre e insatisfação com elas próprias. Por último, o *padrão permissivo* correspondia a baixos níveis de controlo parental e de exigência, mas com expressão de afeto moderada a elevada. Este padrão estava associado ao grupo de crianças imaturas, ou seja, com baixos níveis de autocontrolo e confiança (Maccoby & Martin, 1983). Mais tarde, foi acrescentado um novo estilo parental: o padrão

negligente, que correspondia a pais com baixos níveis de controlo e exigência, mas também baixos níveis de afeto e responsividade (Baumrind, 1971).

Seguiu-se um segundo estudo de Baumrind e Black (1967), com 95 crianças, entre os 3 e os 4 anos, e as respetivas famílias. O objetivo era entender a relação entre atitudes parentais, comportamentos parentais e comportamentos das crianças. Para tal, os autores usaram os mesmos métodos de recolha de dados, entrevistas aos pais e observações em casa e adicionaram observações na creche das crianças. Os resultados foram consistentes com o estudo anterior e revelaram uma associação significativa entre os padrões parentais e determinadas competências das crianças: o controlo intrusivo e superprotetor dos pais estava relacionado com comportamentos de dependência dos filhos e o controlo firme e consistente estava relacionado com comportamentos mais autónomos.

O terceiro estudo de Baumrind (1971), enquadrado no projeto *Family Socialization and Developmental Competence*, contou com uma amostra de 134 crianças, com idades compreendidas entre os 4 e 5 anos, e respetivos progenitores. As crianças foram novamente avaliadas aos 9 anos de idade e na adolescência, aos 14 anos. O objetivo passou por identificar os estilos parentais que correspondiam a certas competências das crianças, nomeadamente assertividade social (inexistência de ansiedade na interação com pares, participação social e liderança nas atividades de grupo) e responsabilidade social (maturidade social, altruísmo e interação amigável e cooperante com pares e adultos). Para recolher os dados, foram feitas observações naturalistas e laboratoriais, entrevistas estruturadas e testes psicológicos. Dos resultados concluiu-se que os pais com padrão autoritativo tinham filhos socialmente responsáveis e assertivos; os pais com padrão permissivo tinham filhos com níveis moderados de responsabilidade social, mas não-assertivos; os pais com padrão negligente tinham filhos com níveis baixos de responsabilidade social, mas também de assertividade social e os pais com padrão autoritário tinham filhos com níveis altos de assertividade social, mas níveis baixos de responsabilidade social. Na adolescência, os filhos de pais autoritativos eram mais competentes, prossociais e apresentavam menos problemas comportamentais. Os filhos de pais permissivos eram menos prossociais e apresentavam mais problemas comportamentais, nomeadamente uso de drogas pesadas. Por sua vez, os filhos de pais autoritários também apresentavam mais problemas de comportamento e uso de drogas (Baumrind, 1991).

Todos estes estudos foram fundamentais, no sentido de abrir caminho para a exploração de práticas e estilos educativos e a sua influência no desenvolvimento da criança. A partir daí, muitos estudos surgiram, introduzindo novas variáveis e corroborando, na sua maioria, os resultados de Baumrind (1967, 1971). Resultados escolares positivos e níveis elevados de adaptação escolar foram associados ao estilo parental autoritativo e associados negativamente aos estilos permissivo, negligente e autoritário (Steinberg, Lamborn, Darling, Mounts & Dornbusch, 1994; Weiss & Schwarz, 1996).

As investigações supracitadas e a maioria da literatura sobre parentalidade baseiam-se nos estilos ou padrões educativos que incluem um conjunto de valores, atitudes e comportamentos como um todo (Cruz, 2005). Contudo, alguns autores sublinharam a necessidade de distinguir as dimensões subjacentes e os processos que explicam as relações encontradas entre determinados estilos parentais e certas competências das crianças. Darling e Steinberg (1993) propõem a distinção entre estilos educativos e práticas educativas. Por práticas entende-se um conjunto de comportamentos ou estratégias específicas com o fim de atingir o objetivo de socialização da criança e que se medem em termos de conteúdo e frequência; por sua vez, os estilos educativos consistem num conjunto de atitudes face à criança, que definem a qualidade das interações e que são independentes dos conteúdos dos comportamentos (Darling & Steinberg, 1993). Esta diferenciação permite compreender melhor as relações estabelecidas entre as variáveis parentais e as características das crianças.

Estudos mais recentes têm encontrado associação entre práticas parentais positivas (e.g., envolvimento parental, responsividade não intrusiva, monitorização, suporte emocional) e melhores competências sociais, académicas e relacionais com pares e professores em idade escolar (Stright, Kelley & Gallagher, 2008) e menos problemas de comportamento na adolescência (Sheehan & Watson, 2008). Por sua vez, práticas parentais negativas (e.g., disciplina coerciva, pouco envolvimento parental, baixa monitorização) têm-se mostrado preditoras de comportamento agressivo na infância (Weiss, Dodge, Bates & Pettit, 1992; Sheehan & Watson, 2008) e problemas de comportamento na adolescência (Sheehan & Watson, 2008).

A literatura demonstra ainda que comportamentos agressivos, por parte dos pais, conduzem a comportamentos agressivos por parte da criança (Sheehan & Watson, 2008; Watson, Fischer, Burdzovic Andreas & Smith, 2004). Baixos níveis de controlo parental foram associados ao uso de substâncias em adolescentes (Huh, Tristan, Wade & Stice, 2006; Stice & Barrera, 1995) e baixos níveis de supervisão parental e disciplina inconsistente foram associados a comportamentos opostos e problemas de comportamento (Burke, Pardini & Loeber, 2008; Frick et al, 1992).

Num estudo desenvolvido por Weiss et al. (1992), foi encontrada uma associação entre disciplina parental coerciva e comportamento agressivo e problemas internalizantes na criança. Esta relação mostrou-se consistente, mesmo tendo em conta fatores como o temperamento da criança, o estatuto socioeconómico e a violência conjugal. Stormshak, Bierman, McMahon e Lengua (2000) realizaram um estudo com 631 crianças e respetivos progenitores, de forma a avaliar a associação entre determinadas estratégias parentais e problemas de externalização da criança, nomeadamente hiperatividade, agressividade e oposição. Os resultados revelam que práticas parentais que incluem interações punitivas estão relacionadas com níveis elevados de comportamento disruptivo. Por um lado, a punição física está associada a comportamentos agressivos da criança. Por outro lado, baixos níveis de envolvimento e afeto parental estão associados a comportamentos opostos. Estas associações foram consistentes, mesmo tendo em conta o grupo étnico e o sexo da criança.

1.1. Parentalidade e Adaptação: uma relação unilateral?

A literatura sobre parentalidade sugere que os pais têm um papel fundamental na adaptação da criança. No entanto, ao contrário do que se acreditou durante muito tempo, esta relação não é unilateral e a criança não é um agente passivo das influências parentais a que está sujeita (Cruz, 2005). Esta direcionalidade causal pais-filhos foi posta em questão por Bell (1968), um dos primeiros autores a chamar a atenção para a influência mútua na relação entre parentalidade e adaptação da criança. No seu modelo dos sistemas de controlo, Bell (1971) teoriza um controlo recíproco de ambas as partes, no processo de socialização. Também Belsky (1984) apresenta um modelo de determinantes da parentalidade, no qual defende que a parentalidade é determinada,

tanto pelas características dos pais, como pelas características individuais da criança, num contexto específico de socialização.

De facto, diversos estudos revelam que as características parentais não são impermeáveis às características desenvolvimentais das crianças. Dix, Ruble e Zambarano (1989) mostraram que os pais de crianças mais novas utilizam mais técnicas de afirmação de poder do que indução, uma vez que estas, apresentando pouca maturidade cognitiva, têm dificuldade em tomar a perspetiva do outro e refletir sobre o seu próprio comportamento. Por seu lado, Macoby (1984) observou que pais de crianças mais velhas utilizam mais técnicas de retirada de privilégios, uma vez que a capacidade cognitiva nesta idade permite uma punição menos imediata e mais estendida no tempo.

Também as características dos comportamentos das crianças fazem variar as estratégias parentais utilizadas. Comportamentos desadequados mais graves, nomeadamente os que põem em risco a transgressão de princípios e valores importantes, evocam preferencialmente estratégias parentais de indução, enquanto que comportamentos menos graves e mais rotineiros, nomeadamente desobediência simples, impulsividade e falta de autocontrolo, solicitam preferencialmente estratégias parentais de afirmação de poder (Cruz, 2005; Cruz, Gamelas e Salvado, 1994; Kucyinski, 1984; Mills & Rubin, 1992).

Mais recentemente, Sheehan e Watson (2008) desenvolveram um estudo com 440 crianças, entre os 7 e os 14 anos de idade, e respetivas mães. O objetivo passou por entender a natureza da relação entre disciplina materna e agressão na infância e adolescência. Os resultados revelaram uma influência recíproca entre as variáveis em estudo: comportamentos agressivos da criança levam a um aumento nas estratégias punitivas maternas, que por sua vez, levam a um aumento do comportamento agressivo na infância e na adolescência.

Num outro estudo de Burke, Pardini e Loeber (2008), foi analisada a relação recíproca entre comportamentos parentais (baixa supervisão, comunicação pobre, pouco envolvimento, disciplina tímida e punição severa) e sintomas de perturbações de externalização na criança, nomeadamente Perturbação de Hiperatividade e Défice de Atenção, Perturbação de Oposição e Perturbação de Comportamento. Da amostra clínica no início do estudo faziam parte 177 rapazes com idades compreendidas entre os 7 e os 12 anos e os seus pais. O estudo compreendeu várias avaliações dos participantes,

tendo estes sido acompanhados até aos 17 anos. Os resultados sugerem uma maior influência dos sintomas disruptivos da criança nos comportamentos parentais do que o inverso. Comportamentos de desafio e oposição revelaram-se preditores de uma disciplina parental permissiva, de baixos níveis de envolvimento parental e de uma comunicação pobre, enquanto que os comportamentos de violação de regras revelaram-se preditores de um decréscimo da supervisão parental. Tudo isto revela como o comportamento parental também é contingente às características desenvolvimentais da criança.

2.Temperamento e Adaptação da Criança

Para além das características parentais, outros fatores surgem como determinantes da adaptação da criança, nomeadamente o temperamento (Cruz, 2005). Entende-se por temperamento as diferenças individuais, de base constitucional, na reatividade emocional, motora e atencional a estimulação e a padrões de autorregulação comportamental (Putnam, Sanson & Rothbart, 2002). De facto, alguns estudos têm mostrado uma associação entre determinadas dimensões do temperamento e certos resultados desenvolvimentais da criança. Altos níveis de emocionalidade positiva e controlo por esforço, i.e., a capacidade de superar tendências comportamentais e motivacionais dirigidas pelas emoções e reprogramá-las em situações de conflito, estão associados a um nível de desenvolvimento positivo (Klein & Linhares, 2010). Níveis baixos de capacidade para se confortar e para exercer um controlo por esforço parecem ser preditores de problemas de externalização, tais como agressividade e não cumprimento de regras (Klein & Linhares, 2010; Zentner & Bates, 2008). Medo ou inibição temperamental podem ser predictoras de timidez (Kagan, 1994) e problemas de internalização, tais como ansiedade e depressão (Zentner & Bates, 2008). Uma emocionalidade mais negativa ou níveis elevados de irritabilidade podem ser preditores, tanto de problemas de externalização, como de internalização (Gallagher, 2002; Klein & Linhares, 2010; Zentner & Bates, 2008). No entanto, a magnitude moderada das relações entre temperamento e adaptação, os resultados inconsistentes e o pouco suporte teórico fazem considerar outros modelos explicativos, tais como um efeito interativo entre temperamento e parentalidade na adaptação (Gallagher, 2002).

2.1. Temperamento e Parentalidade na Adaptação da Criança

Na verdade, o temperamento da criança tem ganho relevância nos estudos sobre parentalidade. As diferenças individuais que resultam do temperamento têm importantes implicações para a interação pais-filhos, pois tanto a natureza (nature), como o ambiente (nurture), influenciam o desenvolvimento da criança (Collins et al., 2000; Putnam et al., 2002). Isto significa que o temperamento não é imutável e é passível de evolução ao longo da trajetória de desenvolvimento, sendo influenciado tanto pela hereditariedade e maturação, quanto pela experiência (Rothbart, 1981).

Thomas e Chess (1977) foram dos primeiros autores a defender o contributo do temperamento da criança na parentalidade. No seu estudo pioneiro, o *New York Longitudinal Study* (NYLS; Thomas, Chess, Birch, Hertzog & Korn, 1963), definiram 9 categorias temperamentais que entenderam serem as mais relevantes para avaliar o ajustamento da criança: nível de atividade, ritmo, aproximação ou retraimento, adaptabilidade, limiar de responsividade, intensidade de reação, qualidade de humor, distratibilidade e período de atenção e persistência. A partir daí, identificaram três padrões de temperamento: “difícil”, que incluía emocionalidade negativa, baixa adaptabilidade, altos níveis de atividade e regulação emocional pobre; “fácil”, que incluía emocionalidade positiva, alta adaptabilidade, níveis de atividade moderados e boa regulação emocional e, finalmente, padrões de temperamento “lento”, que incluíam adaptabilidade lenta, emocionalidade negativa e tendência de afastamento perante estímulos novos. Crianças com temperamento difícil estavam em maior risco de desenvolver problemas comportamentais e emocionais. Segundo os autores, para que a criança se desenvolva adequadamente, os pais devem ajustar as suas práticas educativas às características temperamentais da mesma, o que chamaram de *goodness of fit* (Thomas & Chess, 1977). Apesar das categorias supracitadas terem sido alteradas ao longo das últimas décadas, o estudo foi importante no sentido de alertar para a necessidade de adequação entre o comportamento e as estratégias parentais e as características temperamentais das crianças.

Na verdade, vários estudos têm revelado que o mesmo comportamento parental pode produzir resultados diferentes, em crianças com diferentes características temperamentais (Cruz, 2005; Sanson e Rothbart, 1995). Gandour (1989) mostrou que a focagem da atenção materna está positivamente associada a um nível de exploração

elevado em crianças passivas de 15 meses, mas negativamente associado a crianças ativas. Kochanska (1997) mostrou que práticas parentais com pouca afirmação de poder podem ser eficazes na interiorização de regras em crianças ansiosas, mas ineficazes em crianças que não são ansiosas. Também, diversos autores têm defendido que uma parentalidade intrusiva é preditora de problemas externalizantes em crianças com emocionalidade negativa (Putnam, Sanson & Rothbart, 2002).

Assim, mais recentemente, tem surgido uma abordagem que considera o temperamento da criança como moderador da relação entre parentalidade e desenvolvimento da criança (Cruz, 2005). Isto significa que as características individuais da criança, em interação com as características educativas dos pais, vão resultar em determinados padrões desenvolvimentais da mesma. Tendo isto em conta, Belsky (1997) propõe a hipótese da suscetibilidade diferencial, na qual defende que os indivíduos variam na sua suscetibilidade às influências ambientais. Sendo que a parentalidade é o primeiro contexto de socialização da criança, o autor afirma que as crianças diferem no grau em que a parentalidade afeta a sua adaptação: crianças mais suscetíveis têm resultados piores quando expostas a experiências parentais negativas, mas têm também melhores resultados quando expostas a experiências parentais positivas. Segundo o autor, crianças com temperamento difícil são mais suscetíveis a efeitos da parentalidade do que crianças com temperamento fácil (Belsky, Hsieh & Crnic, 1998).

Gallagher (2002) apresenta um modelo que vai de encontro à hipótese de Belsky, onde defende que os efeitos da parentalidade no ajustamento da criança são moderados pelo temperamento desta. As características temperamentais da criança vão, assim, aumentar ou diminuir a força da relação entre parentalidade e adaptação. Consistentemente com o defendido por Belsky, a autora propõe que a relação é mais forte em crianças com características temperamentais difíceis, tais como emocionalidade negativa, baixa adaptabilidade, níveis de atividade mais elevados e baixa regulação emocional.

Diversos estudos têm corroborado esta influência interativa entre temperamento e parentalidade na adaptação da criança. Sanson, Oberklaid, Pedlow e Prior (1991) desenvolveram um estudo com 1500 crianças, entre os 4 e os 5 anos de idade, no qual mostraram que crianças com temperamento difícil, num contexto de uma fraca

qualidade relacional mãe-filho, corriam um risco substancialmente superior de desenvolver problemas de internalização, nomeadamente ansiedade, e problemas de externalização, nomeadamente agressividade-hostilidade e hiperatividade-desatenção. Quando o contexto parental não era desfavorável, o temperamento difícil por si só não era preditor de problemas de adaptação.

Num outro estudo, Colder, Lochman e Wells (1997) analisaram uma amostra de crianças do sexo masculino, entre os 9 e os 11 anos. Os rapazes que apresentavam níveis elevados de ansiedade eram mais agressivos quando expostos a uma disciplina parental coerciva, enquanto que nos rapazes com baixos níveis de ansiedade não se observou uma relação significativa entre disciplina parental coerciva e agressividade. Também Lengua, Wolchik, Sandler e West (2000) encontraram efeitos semelhantes, num contexto pós-divórcio. Níveis elevados de rejeição parental associados a problemas de comportamento, apenas para crianças com emocionalidade negativa e a disciplina parental inconsistente estava associada a disfuncionalidade socio-emocional, apenas para crianças com níveis elevados de impulsividade. Para crianças com temperamento fácil (emocionalidade positiva e níveis baixos de impulsividade), não houve relação entre as características parentais supracitadas e problemas de comportamento.

Num estudo longitudinal prospetivo desenvolvido por Stright, Kelley e Gallagher (2008), analisou-se o efeito moderador do temperamento da criança na relação entre estilos parentais maternos na primeira infância e ajustamento da criança no primeiro ano de escolaridade. Para tal, os autores recrutaram 1507 mães e crianças da comunidade, que acompanharam desde o dia do nascimento até aos 6 anos. Os resultados mostraram que a relação entre parentalidade e ajustamento escolar no primeiro ano era mais forte em crianças com temperamento difícil (emocionalidade negativa, baixa adaptabilidade, níveis de atividade elevados e baixa regulação emocional). Estas crianças tinham uma melhor adaptação social e escolar quando a qualidade da parentalidade era maior (maior envolvimento afetivo, responsividade não-intrusiva e maior supervisão) e uma pior adaptação quando a qualidade da parentalidade era menor (menor envolvimento afetivo, responsividade intrusiva e menor supervisão).

O estudo de Ulbricht, Saudino, Reiss e Neiderhiser (2011) seguiu a mesma linha, tendo por objetivo compreender os efeitos moderadores do temperamento da criança na parentalidade negativa. Para tal, os autores recrutaram 720 pares de irmãos, com idades

compreendidas entre 1 ano e 14 anos. Desta amostra, constavam 93 pares de gémeos monozigóticos, 99 pares de gémeos dizigóticos, 95 pares de irmãos de famílias não-divorciadas, 182 de famílias separadas ou divorciadas, 109 pares de meios-irmãos e 130 pares de irmãos adotados por famílias de acolhimento. O estudo pretendeu replicar a investigação de South, Krueger, Johnson e Iacono (2008) sobre a contribuição genética e ambiental do temperamento de adolescentes na parentalidade. Os resultados demonstram que os efeitos da parentalidade negativa no desenvolvimento da criança acontecem, sobretudo, quando esta tem características temperamentais mais difíceis e desafiadoras, tais como emocionalidade negativa e sociabilidade negativa. Por outro lado, quando a criança apresenta um temperamento mais fácil, a parentalidade negativa tem um efeito menor na adaptação da mesma.

Kochanska e Kim (2013) desenvolveram um estudo com 186 crianças e respetivas mães. As crianças foram acompanhadas dos 13 até aos 40 meses de idade. O objetivo passou por examinar o impacto das interações entre temperamento difícil (baixo controlo por esforço e alta predisposição para raiva) e responsividade materna nos resultados socio-emocionais das crianças. Para avaliar estas variáveis, os autores usaram relatos das mães e fizeram observações naturalistas ao longo dos 27 meses de duração da investigação. Os resultados mostraram um efeito moderador do temperamento na relação entre responsividade materna, por um lado, e obediência da criança e problemas de comportamento, por outro. Para as crianças com temperamento difícil, níveis elevados de responsividade materna traduziram-se em maior conformidade com regras e menores problemas de externalização, enquanto que níveis baixos de responsividade materna originaram menor conformidade com regras e maiores problemas de comportamento. Para as crianças com temperamento fácil (alto controlo por esforço e baixa predisposição para raiva) não foi encontrada uma relação significativa entre responsividade materna e os resultados desenvolvimentais das mesmas.

Relativamente à contribuição do temperamento da criança na parentalidade, conclui-se que é importante tomar em atenção as características individuais da criança, de forma a adequar as práticas educativas que melhor responderão às exigências desenvolvimentais da mesma. Por outro lado, a suscetibilidade das crianças, com características temperamentais negativas à influência dos pais abre caminho para a

promoção de práticas parentais que minimizem o impacto dessas características na adaptação das mesmas.

3. Regulação Emocional Parental e Adaptação da Criança

Para além da dimensão comportamental, a parentalidade tem uma componente emocional que não pode ser ignorada, uma vez que funciona como um determinante dos comportamentos parentais e dos próprios filhos. De fato, vários autores apoiam a ideia de que as emoções estão relacionadas com a passagem para o ato, i.e., com as tendências comportamentais dos pais (Pinderhughes, Dodge, Bates, Pettit & Zelli, 2000; Cruz, 2005).

Segundo Cruz (2005), a relação pais-filhos é um dos contextos afetivos mais ricos ao longo do processo de socialização da criança. É nela que a criança vai aprendendo a expressar e regular as suas emoções, tendo em conta o que lhe vai sendo transmitido pelas figuras parentais. Os dados da literatura apontam para uma associação entre a capacidade dos pais lidarem com as emoções e o nível de desenvolvimento socio-emocional da criança (Baker et al., 2011; Fabes et al., 2001), nomeadamente compreensão, expressão e regulação emocional (Barreiros & Cruz, 2012; Rivera & Dunsmore, 2011) e comportamento pró-social (Knafo & Plomin, 2006). As competências da criança nestas áreas encontram-se relacionadas com um melhor ajustamento psicológico e relacionamento positivo com os pares (Katz, Maliken & Stettler, 2012).

O impacto das emoções no comportamento parental está dependente dos processos de regulação emocional (Cruz, 2005). Por regulação emocional entende-se os processos que ajudam as pessoas a promover as emoções desejáveis, suprimir ou lidar com as emoções indesejáveis e disfarçar as emoções, positivas ou negativas, que ameaçam ou prejudicam os seus objetivos (Dix, 1991). Segundo Dix (1991), na parentalidade, a regulação emocional é, por natureza, empática na medida em que está organizada em torno dos objetivos e resultados relacionados com o bem-estar e o desenvolvimento da criança. No seu modelo dos processos afetivos na parentalidade (1991), o autor salienta que uma parentalidade eficaz requer que os objetivos centrados na criança ativem uma emoção mais forte do que os objetivos centrados nos pais.

De facto, uma regulação emocional adequada por parte dos pais tem sido associada a melhores competências emocionais e sociais da criança (Fabes et al., 1999; 2001). Por outro lado, uma expressão emocional negativa por parte dos pais tem sido associada a maior risco de perturbação emocional da criança (Gross & Levenson, 1997), tais como depressão e ansiedade (Cheron, Ehrenreich & Pincus, 2009; McLeod, Weisz, & Wood, 2007), menor competência emocional e dificuldades de regulação emocional (Denham, Mitchell-Copeland, Strandberg, Auerbach & Blair, 1997), expressão de mais emoções negativas na sala de aula (Denham & Grout, 1992) e dificuldade em gerir estados emocionais negativos (Denham, 1997).

Os estudos sobre a influência da psicopatologia parental também podem contribuir para a compreensão destes processos, na medida em que a psicopatologia parental pode ser considerada uma medida indireta de desregulação emocional. Assim, têm sido encontrados efeitos de ansiedade e depressão materna na primeira infância nos problemas comportamentais das crianças numa fase posterior (Downey & Coyne, 1990; Leve, Shaw, Neiderhiser, Reid, Kerr, Ge, Scaramella & Conger, 2010). De facto, depressão materna na primeira infância tem sido apontada como um dos grandes fatores de risco para problemas de comportamento, tais como agressividade (Crockenberg, Lerkas, Barrig Jo, 2008; Downey & Coyne, 1990; Leve, Shaw, Neiderhiser, Reid, Kerr, Ge, Scaramella, Conger & Reiss, 2010), défice de atenção, oposição e desafio, mas também problemas internalizantes, tais como ansiedade e depressão (Meadows, McLanahan & Brooks-Gunn, 2007).

Dix e Yan (2014) desenvolveram um estudo com 1364 participantes, derivados da investigação NICHD - *Study of Early Child Care*. O objetivo passou por examinar a relação entre sintomas de depressão materna e adaptação da criança. Os resultados revelaram que sintomas depressivos maternos aos 3 anos da criança predizem um maior risco de problemas de adaptação mais tarde, para crianças com uma emocionalidade negativa elevada. Quanto mais sintomas de depressão, mais as mães respondiam com uma parentalidade negativa (baixa responsividade, pouco envolvimento emocional) à emocionalidade negativa da criança, uma vez que priorizavam a minimização dos seus estados emocionais negativos à satisfação das necessidades da criança. O risco era evidente para problemas de comportamento, baixos níveis de responsividade, maior angústia de separação e competências sociais pobres (Dix & Yan, 2014).

Fabes, Eisenberg e Bernzwieng (1990) desenvolveram um questionário, o Coping with Children's Negative Emotions Scale (CCNES), de forma a avaliar de que maneira os pais lidam com as emoções negativas dos filhos. Para tal, categorizaram seis tipos de reações parentais. Por um lado, de uma forma mais negativa, os pais podem ter reações de: a. *stress/aborrecimento*, que estão associadas ao mal-estar face às emoções negativas dos filhos; b. *punição*, que consistem em comportamentos punitivos e de restrição da expressão emocional dos filhos; c. *minimização*, que implicam comportamentos de desvalorização das reações emocionais dos filhos. Por outro lado, de uma forma mais positiva e construtiva, os pais podem ter reações de: a. *encorajamento da expressividade*, que refletem comportamentos de apoio e validação da expressão emocional negativa dos filhos; b. *reações focadas nas emoções*, relacionadas com ajudar os filhos a lidar com o que estão a sentir; c. *reações focadas no problema*, que consistem em ajudar a resolver o problema que desencadeou a emoção negativa dos filhos. Com o recurso a este questionário, Eisenberg, Fabes e Murphy (1996) desenvolveram um estudo com o objetivo de examinar a relação entre estratégias de regulação emocional parental e competências sociais, nível de popularidade e coping das crianças. Reações maternas focadas nos problemas estavam positivamente associadas a níveis elevados de competências sociais e coping positivo, enquanto que reações maternas de minimização estavam associadas a baixos níveis de competências sociais e evitamento. Reações maternas focadas nos problemas, focadas nas emoções e de encorajamento à expressividade estavam relacionadas com maiores competências prossociais.

Os mesmos autores (Fabes, Poulin, Eisenberg & Madden-Derdich, 2002) desenvolveram um estudo com 36 crianças, entre os 48 e os 76 meses de idade e respetivos pais. O objetivo passou por examinar a validade do instrumento CCNES, nomeadamente se as pontuações dos pais prediziam as competências emocionais das crianças na interpretação e expressão de estados emocionais. Os resultados mostraram que a capacidade de interpretar adequadamente as emoções dos outros estava positivamente associada a escalas de suporte parental, nomeadamente reações focadas nas emoções e reações focadas nos problemas e inversamente relacionada com reações de perturbação parental. A capacidade de expressar emoções estava positivamente associada a respostas parentais de encorajamento expressivo e inversamente associada a respostas parentais punitivas. Crianças que não sejam encorajadas a expressar emoções

apresentam dificuldades de regulação emocional; por outro lado, pais que aceitam e apoiam a expressão emocional têm crianças emocionalmente competentes (Fabes et al., 2002; Gottman, Katz & Hooven, 1996). Estes resultados foram replicados noutros estudos, que têm mostrado associações significativas entre competências de regulação emocional dos pais, avaliadas através do CCNES, e determinadas competências sociais e académicas e problemas de comportamento das crianças (Gentzler, Contreras-Grau, Kerns & Weimer, 2005).

Um estudo português de Alves e Cruz (2011), com 200 mães portuguesas e os seus filhos, que frequentavam o 2º ano de escolaridade, identificou uma relação entre as reações maternas de punição e problemas de comportamento dos filhos, nomeadamente hiperatividade e baixos níveis de auto-controlo. Por sua vez, os resultados do estudo mostram que reações maternas centradas nos problemas estão associadas a melhores competências académicas das crianças.

Embora a literatura evidencie a distinção entre estratégias de regulação emocional eficazes e ineficazes, é necessário ter em conta o contexto e a frequência com que são usadas, especialmente quando esse contexto envolve interações pais-filhos (Barros, Goes & Pereira, 2015). “Mais do que escolher uma estratégia específica, é a habilidade de usar diferentes estratégias de regulação emocional com flexibilidade que caracteriza uma adaptação saudável” (Barros et al., 2015).

Os estudos revistos sugerem que a forma como os pais respondem às emoções negativas dos filhos influencia a capacidade das crianças lidarem com os seus próprios estados emocionais e os dos outros (Fabes et al., 2002). No entanto e, apesar da sua importância, a componente emocional da parentalidade tem sido a menos estudada e só, mais recentemente, a investigação tem sido alargada a estas questões (Barros et al., 2015; Cruz, 2005, Fabes et al., 2002).

CAPÍTULO II - CONCEPTUALIZAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA

1. INTRODUÇÃO

A revisão de literatura apresentada sugere a importância de uma parentalidade positiva no desenvolvimento sócio-emocional da criança. No entanto, poucos são os estudos que avaliam a regulação emocional dos pais como uma dimensão da parentalidade. Também a contribuição do temperamento da criança na compreensão da relação entre a parentalidade e o ajustamento da criança só agora começa a ganhar um papel relevante na literatura. Acresce a isso, a falta de instrumentos adaptados para a população portuguesa, para o estudo do temperamento.

Considerando as necessidades apresentadas, torna-se pertinente desenhar um estudo que tenha como objetivo geral conhecer melhor a relação entre as práticas parentais, a hetero-regulação emocional dos pais e o temperamento e adaptação da criança. Este estudo será realizado numa amostra clínica, constituída por dois grupos distintos: o grupo com problemas de comportamento, onde estão inseridas crianças com diagnóstico de Perturbação de Hiperatividade e Défice de Atenção e/ou Perturbação de Oposição; e o grupo com dificuldades de aprendizagem, onde são incluídas crianças com diagnóstico de Perturbações ao nível da Leitura, Escrita e/ou Matemática e que não apresentam alterações ao nível do comportamento. Optou-se por estudar estes grupos, na medida em que se pretendia ter uma maior heterogeneidade, quer em relação às dimensões da criança, quer em relação às dimensões parentais em estudo.

2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Decorrem do objetivo geral supracitado, os seguintes objetivos específicos:

- Caracterizar a parentalidade em termos de práticas maternas e estratégias de hetero-regulação emocional, comparando os dois grupos clínicos relativamente a estas variáveis;
- Analisar a associação entre estas duas dimensões parentais;

- Caracterizar as dimensões da criança, nomeadamente o temperamento e a adaptação da mesma, comparando os dois grupos clínicos relativamente a estas variáveis;
- Analisar a associação entre o temperamento e a adaptação da criança;
- Examinar a associação entre o temperamento da criança e as duas dimensões parentais;
- Analisar as relações entre a adaptação da criança e as duas dimensões parentais, considerando o papel do temperamento como moderador destas relações.
- Contribuir para a adaptação do questionário *Children Behavior Questionnaire* - CBQ (Rothbart, 1996) para a avaliação do temperamento de crianças em idade escolar, numa amostra portuguesa.

3. METODOLOGIA

3.1. Desenho da Investigação

Neste estudo transversal, foi adotado um desenho exploratório e observacional, com propósitos descritivos e correlacionais. Neste tipo de desenho de investigação, as variáveis são evocadas e não manipuladas e os resultados são explicados através da análise das relações estatísticas entre elas.

3.2. Amostra

A amostra do estudo é constituída por 50 crianças, com idades compreendidas entre os 6 e os 11 anos, e respetivas mães. Estas crianças estavam a ser seguidas no Centro de Desenvolvimento Infantil Diferenças, aquando do momento de recolha de dados.

Como critério obrigatório para a inclusão na amostra, considerou-se o cumprimento dos critérios necessários ao diagnóstico de uma perturbação de externalização (Perturbação de Hiperatividade e Défice de Atenção e/ou Perturbação de Oposição) ou uma perturbação de aprendizagem (Perturbação ao nível da Leitura,

Escrita e/ou Matemática). As mães e crianças do grupo com problemas de comportamento estavam a ser acompanhadas pela psicologia clínica e pedopsiquiatria, para intervenção na parentalidade e comportamentos disruptivos, à uma média de 2 meses. Todas as crianças deste grupo faziam medicação com metilfenidato e 9 delas, com risperidona, no momento da avaliação. As crianças do grupo com dificuldades de aprendizagem estavam a ser acompanhadas pela psicologia educacional, para intervenção nos conteúdos académicos, à uma média de 6 meses. Estas crianças não faziam nenhuma medicação, na altura da recolha de dados.

No quadro 1 são apresentadas as características sociodemográficas das crianças.

Quadro 1: Caraterização das variáveis sociodemográficas das crianças

(n=50)			
VARIÁVEIS	N (%)		
	Min.-Máx.	M	DP
Idade	6-11	8,18	1,66
Sexo			
Masculino		29	(58,0%)
Feminino		21	(42,0%)
Grupo clínico:			
Dificuldades Aprendizagem		24	(48,0%)
Problemas de Comportamento		26	(52,0%)

Quadro 2: Caraterização das variáveis sociodemográficas da família

(n=50)			
VARIÁVEIS	N(%)		
	Min.-Máx.	M	DP
Idade Pai	31- 55	39,22	4,879
Idade Mãe	28-49	37,96	5,063
Escolaridade Pai			
Concluiu 6 anos de escolaridade	4	(8,0%)	
Concluiu 9 anos de escolaridade	10	(20,0%)	
Concluiu 12 anos de escolaridade	14	(28,0%)	
Concluiu ensino superior	21	(42,0%)	
Escolaridade Mãe			
Concluiu 9 anos de escolaridade	3	(6,0%)	
Concluiu 12 anos de escolaridade	17	(34,0%)	
Concluiu ensino superior	30	(60,0%)	
Conjugalidade Pais			
Solteiros	3	(6,0%)	
Casados	26	(52,0%)	
Vivem maritalmente	7	(14,0%)	
Separados	5	(10,0%)	
Divorciados	9	(18,0%)	
Co-Habitação			
Mãe e Pai	37	(74,0%)	

Só com a mãe	12	(24,0%)
Outros	1	(2,0%)

	Min.-Máx.	M	DP
Número de Elementos do Agregado Familiar	2-7	3,64	1,102

	Min.-Máx.	M	DP
Número de Irmãos	0-4	1,08	0,900

Ordem na Fratria

1º filho	31	(62,0%)
2º filho	15	(30,0%)
3º filho	2	(4,0%)
4º filho ou mais	2	(4,0%)

Nível Socioeconómico

Baixo	1	(2,0%)
Médio	29	(58,0%)
Elevado	20	(40,0%)

3.3. Medidas e instrumentos de avaliação

Nesta secção, descrever-se-ão em detalhe os instrumentos e medidas utilizadas na recolha dos dados a serem tratados no estudo.

3.3.1. **Hetero-Regulação Emocional Parental - *Coping with Children's Negative Emotions Scale* – CCNES (Fabes, Eisenberg & Bernzweig, 1990)**

De forma a avaliar a hetero-regulação emocional dos pais, foi aplicado o CCNES. A versão portuguesa deste questionário foi traduzida e adaptada por Alves e Cruz (2011), assumindo o nome de Reações Parentais às Emoções Negativas dos Filhos (RPEN).

O CCNES é um instrumento de auto-relato dirigido aos pais ou aos principais cuidadores da criança, constituído por 72 itens, que descrevem 12 situações hipotéticas, nas quais as crianças apresentam emoções negativas. Os itens são avaliados numa escala tipo Likert de 7 pontos (0= nada provável a 7= muito provável), e consistem em 6 subescalas que refletem diferentes formas de responder à emocionalidade negativa da criança (Barreiros e Cruz, 2012): Reações de stress/aborrecimento (refletem o desconforto e perturbação dos próprios pais às emoções negativas do filho); Reações de punição (refletem o grau em que os pais recorrem ao castigo verbal ou físico para controlar as emoções negativas do filho); Reações de minimização (refletem o grau em que os pais desvalorizam a emoção negativa do filho e a resposta ao problema); Reações de resolução (centradas no problema, refletem o grau em que os pais ajudam os filhos a resolver o problema que causou a emoção negativa); Reações de encorajamento da expressividade (refletem o grau em que os pais aceitam as emoções negativas do filho); Reações de distração (centradas na emoção, refletem o grau em que os pais respondem com estratégias que ajudam o filho a sentir-se melhor).

Estas seis subescalas, combinam-se em duas escalas: reações negativas (as três primeiras) e reações positivas (as restantes três) (Fabes et al., 2002).

A utilização deste instrumento em estudos anteriores veio revelar propriedades psicométricas adequadas, nomeadamente no que se refere à consistência interna, com valores de alpha de Cronbach entre ,69 e ,85 (Fabes et al, 2002). O estudo da versão Portuguesa deste instrumento revela, igualmente, níveis adequados de consistência interna entre ,77 e ,91, em todas as subescalas (Alves & Cruz, 2011). O estudo posterior de Barreiros e Cruz (2012), também revelou valores de consistência interna adequados, nas escalas de reações positivas e de reações negativas, respetivamente, ,89 e ,93. Foram feitas ligeiras alterações à versão portuguesa do questionário, para facilitar a compreensão do mesmo.

3.3.2. Temperamento da Criança – *The Child Behavior Questionnaire, Short Form* – CBQ SF (Putnam & Rothbart , 2006)

De forma a avaliar o temperamento da criança, foi aplicada a versão reduzida do CBQ. A versão portuguesa deste instrumento foi traduzida e adaptada por Barros e Goes (2014), com a designação de Questionário sobre o Comportamento da Criança – Versão Breve. O CBQ é um instrumento de auto-relato, que se destina a pais de crianças entre os 3 e os 7 anos. No entanto, o instrumento foi aplicado a mães de crianças até aos 11 anos, com a respetiva autorização dos autores.

O questionário é constituído por 94 itens, os quais correspondem a 15 escalas. Os pais são convidados a avaliar cada item, numa escala tipo Likert, de 7 pontos (1=Totalmente falsa a 7= Totalmente verdadeira). O questionário também fornece uma resposta opcional, quando a criança não é observada na situação descrita, denominada de “Não se Aplica”. Das 15 escalas, fazem parte: Nível de Atividade, Raiva/Frustração, Aproximação/ Antecipação Positiva, Foco Atencional, Desconforto, Capacidade para se Confortar, Medo, Elevada Intensidade de Prazer, Impulsividade, Controlo Inibitório, Baixa Intensidade de Prazer, Sensibilidade Percetiva, Tristeza, Timidez, Sorriso e Riso. Estas escalas estão divididas em três dimensões principais, apresentadas no Quadro 3.

Quadro 3: Dimensões e Escalas do Questionário sobre o Comportamento da Criança – Versão Breve

Extroversão			Emocionalidade Negativa			Controlo por Esforço		
Impulsividade			Desconforto			Controlo Inibitório		
Prazer de Elevada Intensidade			Raiva/Frustração			Foco Atencional		
Nível de Atividade			Tristeza			Prazer de Baixa Intensidade		
Timidez (-)			Medo			Sensibilidade Percetiva		
			Capacidade para se					

Os estudos psicométricos do instrumento original revelam resultados adequados. A versão breve do CBQ revela uma consistência interna adequada, com valores entre ,61 e ,85, e validade discriminativa satisfatória, bem como estabilidade longitudinal e acordo inter-informadores, comparativamente ao CBQ - versão standard (Putnam & Rothbart, 2006).

3.3.3. Estratégias Maternas: *Parent Practices Interview - PPI* (Webster-Stratton, 1998)

Para a avaliação das estratégias educativas e disciplinares maternas, foi utilizada a versão portuguesa de Gaspar e Santos (2008) do Questionário de Práticas Parentais. Este é um instrumento de auto-relato parental, com 72 itens, que avalia o tipo de disciplina parental em 7 dimensões: Disciplina Apropriada, Disciplina Inconsistente, Disciplina Verbal Positiva, Punição Física, Elogios e Incentivos, Expetativas Claras e Monitorização. Cada item é avaliado numa escala tipo Likert de 7 pontos (1=Nunca a 7= Sempre).

Estudos com a versão portuguesa revelam que o questionário apresenta uma consistência interna das subescalas entre ,48 e ,82 (Paiva, 2005). Á semelhança do que aconteceu com o questionário *Reações Parentais às Emoções Negativas dos Filhos*, foram feitas ligeiras alterações à versão portuguesa do presente questionário, para facilitar a compreensão do mesmo.

3.3.4. Adaptação da Criança: *Strengths and Difficulties Questionnaire - SDQ* (Goodman, 1997)

De forma a avaliar a adaptação da criança, foi aplicado o questionário SDQ, destinado a pais de crianças entre os 4 e os 16 anos. Este instrumento foi traduzido e adaptado para versão portuguesa por Fleitlich, Loureiro, Fonseca e Gaspar (2005),

sendo denominado de Questionário de Capacidades e Dificuldades. No presente estudo, o questionário foi respondido pelas mães das crianças envolvidas. No entanto, existem versões para pais, professores e jovens (auto-relato). O presente instrumento é um inventário comportamental breve, constituído por 25 itens, avaliados numa escala de tipo Likert com 3 pontos (“Não é Verdade”, “É um Pouco Verdade” ou “É Muito Verdade”). É pedido aos pais que classifiquem em que grau as afirmações apresentadas correspondem ao comportamento dos seus filhos nos últimos 6 meses. Os 25 itens estão divididos por 5 escalas, constituídas por 5 itens cada: (1) escala de sintomas emocionais, (2) escala de problemas de comportamento, (3) escala de hiperatividade, (4) escala de problemas de relacionamento com os colegas e (5) escala de competências sociais.

Em relação às propriedades psicométricas, o presente questionário mostra ser uma medida de avaliação bastante adequada, com valores de consistência interna de média de ,73 entre as escalas, com correlação satisfatória inter-informadores (média: ,62) e valores de reteste estáveis após 4 a 6 meses (Goodman, 2001). O estudo da versão portuguesa deste instrumento revela, igualmente, níveis adequados de consistência interna das sub-escalas, com valores superiores a ,52, com exceção da sub-escala de Problemas de Relacionamento com os Colegas (,46).

3.3.5. Questionário de informação sociodemográfica

Para recolher informação sobre as características sociais e demográficas da criança e da família, foi utilizada uma ficha de caracterização sociodemográfica, construída para o efeito, no contexto da presente investigação. No que respeita à criança, foi recolhida a seguinte informação: idade; data de nascimento; sexo; agregado familiar e ordem na fratria. Relativamente à família, foi recolhida informação sobre: situação conjugal; idade dos pais; escolaridade; situação profissional e número de filhos.

3.3.6. Questionário de informação clínica

Para recolher informação sobre a história clínica da criança, foi utilizada uma ficha de caracterização clínica, construída para o efeito, no contexto do estudo apresentado, com a seguinte informação: diagnóstico principal, diagnósticos em co-morbilidade,

especialidades em que a criança é acompanhada, há quanto tempo é acompanhada e a psicofarmacologia atual. Estas informações foram recolhidas junto dos técnicos que acompanhavam as crianças.

3.4.Procedimentos de recolha de dados

O presente trabalho integra-se num projeto mais alargado, denominado “Pais à Medida”, que foi autorizado pela Comissão de Ética da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. Assim sendo, o protocolo de avaliação não corresponde à totalidade dos instrumentos do protocolo original.

Numa fase inicial, foi feito um pedido de colaboração ao diretor clínico do centro de desenvolvimento infantil Diferenças e, em seguida, aos técnicos que acompanhavam as crianças que satisfaziam os critérios de inclusão no estudo. Estes técnicos, parte integrante das equipas de Psicologia Educacional, Psicologia Clínica e Educação Especial e Reabilitação, forneciam um envelope com a informação em relação ao estudo e o protocolo de consentimento informado para que os pais pudessem decidir acerca da sua participação. Caso os pais concordassem, era-lhes enviado um envelope, com os instrumentos e instruções para o respetivo preenchimento e um contato para possíveis esclarecimentos. Os pais devolveram os questionários aos técnicos em envelope fechado.

Dos 90 questionários entregues aos pais, foram preenchidos 50, constituindo uma taxa de adesão ao estudo de 55%.

3.5.Procedimentos de análise de dados

A análise dos dados foi realizada com recurso ao programa SPSS (Statistical Package for the Social Sciences), versão 22.

Valores de prova inferiores a .05 foram considerados como indicando resultados estatisticamente significativos.

Antes de proceder às análises, os dados omissos foram substituídos pela média individual da escala correspondente.

Foram realizadas análises estatísticas descritivas e inferenciais, recorrendo a diferentes testes que foram selecionados em função dos objetivos, características das variáveis e verificação dos pressupostos.

Nas análises descritivas, a média foi a medida de tendência central utilizada na descrição de todos os resultados. Foram também utilizadas medidas de dispersão (desvios-padrão). No caso de variáveis categóricas, foram calculadas as frequências absolutas e relativas.

Nas análises estatísticas inferenciais, começou-se por testar o pressuposto da normalidade. Assim, foram utilizadas análises paramétricas para as variáveis que cumpriam com o pressuposto da normalidade. Nesses casos, utilizou-se o Coeficiente de Correlação de Pearson, para compreender a associação entre variáveis quantitativas. Quando os pressupostos da normalidade não se verificaram, foi utilizado o Coeficiente de Correlação de Spearman. A análise da normalidade de distribuição foi feita com o teste de Shapiro-Wilk. Para comparar as diferenças de médias entre os dois grupos da amostra (grupo com dificuldades de aprendizagem e grupo com problemas de comportamento), utilizou-se o teste *t* de Student para amostras independentes. Os pressupostos destes testes, nomeadamente o pressuposto de normalidade de distribuição e o pressuposto de homogeneidade de variâncias foram analisados com os testes de Shapiro-Wilk e teste de Levene. Nos casos em que estes pressupostos não se encontravam satisfeitos, foram substituídos pelos testes não-paramétricos alternativos, designadamente o teste de Mann-Whitney.

CAPÍTULO III - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS

Nesta secção serão apresentados e analisados os resultados deste estudo. Estes resultados decorrem da análise estatística efetuada que tomou em consideração os objetivos do estudo, a verificação dos pressupostos necessários e as características de cada variável.

Estudos de fiabilidade dos instrumentos utilizados

A consistência interna dos instrumentos, utilizados no presente estudo, foi avaliada com recurso ao coeficiente de consistência interna *alfa de Cronbach*.

Tabela 1 – Consistência interna (PPI)

	Alfa Cronbach	Hill (2005)	Nº de itens
Disciplina apropriada	,75	,82	12
Disciplina inconsistente	,81	,80	15
Disciplina positiva	,73	,75	9
Punição física	,82	,76	6
Elogio e incentivos	,75	,67	11
Expetativas claras	,60	,66	6
Monitorização (sem item 14as)	,62	,54	4

Os valores obtidos para o PPI (*Parent Practices interview*) variaram entre um máximo de ,82 (bom) na dimensão punição física e um mínimo de ,62 (baixo, mas dentro dos parâmetros aceitáveis para um número de itens reduzido) na dimensão monitorização. De forma a aumentar a fiabilidade desta última escala, foi retirado o item 14as. Com este item, o valor de *alfa* da escala seria ,42.

Tabela 2 – Consistência interna (CCNES)

	Alfa Cronbach	Fabes (2010)	Nº de itens
Reações de punição	,81	,69	12
Reações encorajamento da expressividade	,90	,85	12
Reações foco nas emoções	,80	,80	12
Reações foco no problema	,78	,78	12
Reações de minimização	,84	,78	12
Reações Stress/Aborrecimento	,73	,70	12

Os valores de consistência interna obtidos para o CCNES (*Coping with children's negative emotions scale*) variaram entre um máximo de ,90 (excelente) na dimensão Reações encorajamento da expressividade e um mínimo de ,73 (razoável) na dimensão Reações Stress/Aborrecimento.

Tabela 3 – Consistência interna (CBQ)

	Alfa Cronbach	Nº de itens
Extroversão	,92	25
Emocionalidade negativa	,89	31
Controlo por esforço	,88	26

Os valores de consistência interna obtidos para o CBQ (*Children's Behaviour Questionnaire*) variaram entre um máximo de ,92 (excelente) na dimensão Extroversão e um mínimo de ,88 (bom) na dimensão Controlo por esforço.

Tabela 4 – Consistência interna (SDQ)

	Alfa Cronbach	Fleitlich (2005)	Nº de itens
Sintomas emocionais	,78	,52	5
Problemas de comportamento	,65	,61	5
Hiperatividade	,64	,72	5
P. relacionamento com colegas	,61	,46	5
Comportamento prosocial	,93	,64	5

Os valores de consistência interna obtidos para o SDQ (Strengths and Difficulties Questionnaire) variaram entre um máximo de ,93 (excelente) na dimensão Comportamento prossocial e um mínimo de ,61 (baixo) na dimensão Problemas de relacionamento com os colegas.

A apresentação dos dados será organizada de acordo com os objetivos do estudo, referidos anteriormente.

1.Caraterização das Práticas Educativas Maternas (Práticas Parentais)

Para o presente estudo, foram consideradas 7 subdimensões englobadas nas práticas parentais, avaliadas com recurso ao PPI. As estatísticas descritivas deste questionário são apresentadas na tabela nº 5.

Tabela 5 - Práticas Parentais na Amostra Global

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Disciplina apropriada	50	2	6	4,03	,72
Disciplina inconsistente	50	2	5	2,91	,69
Disciplina positiva	50	3	7	5,21	,78
Punição física	50	1	5	2,01	,71
Elogio e incentivos	50	2	6	4,21	,82
Expetativas claras	50	3	6	4,70	,85
Monitorização	50	2	7	5,88	1,03

De uma forma global, observam-se valores mais elevados nas práticas positivas (monitorização, disciplina positiva, expectativas claras) e valores mais baixos nas práticas negativas (punição física e disciplina inconsistente).

Quando comparamos os sujeitos do grupo com dificuldades de aprendizagem (GDA) com os sujeitos do grupo com problemas de comportamento (GPC), encontramos as seguintes diferenças:

Tabela 6 – Práticas Parentais: GDA vs GPC

	Dificuldades Aprendizagem		Problemas de Comportamento		Sig.
	M	DP	M	DP	
Disciplina apropriada	3,81	,68	4,23	,71	,04*
Disciplina inconsistente	2,80	,72	3,02	,66	,26
Disciplina positiva	5,07	,90	5,33	,65	,24
Punição física	1,94	,66	2,08	,77	,53
Elogio e incentivos	4,00	,95	4,41	,66	,09
Expetativas claras	4,60	,71	4,80	,96	,40
Monitorização	6,02	,95	5,75	1,11	,23

* $p \leq ,05$ ** $p \leq ,01$

O grupo com problemas de comportamento obtém valores mais elevados na dimensão disciplina apropriada.

2.Caraterização das Estratégias de Hetero-Regulação Emocional

As estratégias de hetero-regulação emocional foram avaliadas em 6 subdimensões, com recurso ao questionário CCNES (Tabela 7). Como podemos observar, as mães obtêm valores médios mais elevados nas dimensões reações de foco no problema e reações de foco nas emoções e mais baixos em reações de punição e de stress/aborrecimento.

Tabela 7 – Estratégias de Regulação Emocional Parental – Amostra Global

	N	Mínim o	Máxim o	Médi a	Desvio padrão
Reações de punição	50	1	6	2,51	,98
Reações encorajamento da expressividade	50	1	6	4,08	1,18
Reações foco nas emoções	50	3	7	5,49	,79
Reações foco no problema	50	4	7	5,73	,66
Reações de minimização	50	2	6	3,72	1,05

Reações Stress/Aborrecimento	50	1	4	2,38	,71
------------------------------	----	---	---	------	-----

Quando comparamos o grupo com dificuldades de aprendizagem com o grupo com problemas de comportamento, não se observam diferenças estatisticamente significativas:

Tabela 8 – Estratégias de Regulação Emocional Parental - GDA vs GPC

	Dificuldades Aprendizagem		Problemas de Comportamento		Sig.
	M	Dp	M	Dp	
Reações de punição	2,43	1,03	2,57	,96	,46
Reações encoraj. Expressividade	3,89	1,18	4,26	1,19	,27
Reações foco nas emoções	5,57	,77	5,42	,81	,39
Reações foco no problema	5,69	,62	5,77	,71	,38
Reações de minimização	3,61	,99	3,82	1,12	,48
Reações Stress/Aborrecimento	2,43	,60	2,32	,81	,60

3. Associação entre Práticas Parentais e Estratégias de Hetero-Regulação Emocional Parental

Na amostra global:

Tabela 9 – Correlações entre Práticas Parentais e Estratégias de Regulação Emocional-Amostra Global

	Regulação emocional parental					
	Punição	Encorajamento	Emoções	Problemas	Minimização	Stress
Disciplina apropriada	,11	,04	-,04	,06	,03	,13
Disciplina inconsistente	,23	-,01	,07	,15	,02	,23

Disciplina positiva	-,37**	,49**	,46**	,52**	-,26	-,13
Punição física	,05	-,19	-,13	-,18	,04	,18
Elogio e incentivos	-,12	,25	,26	,12	-,18	-,10
Expetativas claras	-,08	-,07	-,24	-,14	-,26	-,08
Monitorização	,08	,06	,02	-,14	,07	,12

* $p \leq ,05$ ** $p \leq ,01$

Na amostra total, a dimensão disciplina positiva apresenta correlações negativas significativas de magnitude baixa com as reações de punição e correlações positivas, de magnitude moderada a elevada, com as reações de encorajamento da expressividade, reações de foco nas emoções e reações de foco no problema.

No grupo Dificuldades de Aprendizagem:

Tabela 10 – Correlações entre Práticas Parentais e Estratégias de Regulação Emocional-GDA

	Regulação emocional parental					
	Puniçã o	Encorajamen to	emoções	Problem a	Minimi za	Stress
Disciplina apropriada	,30	,02	-,21	-,41*	-,05	,19
Disciplina inconsistente	,64**	-,06	,19	-,05	,25	,39
Disciplina positiva	-,10	,66**	,50*	,63**	-,21	,02
Punição física	,04	-,19	,00	-,22	,17	,04
Elogio e incentivos	-,08	,29	,16	,07	-,21	-,05
Expetativas claras	-,17	,01	-,15	,03	-,37	-,19
Monitorização	-,03	-,06	-,04	-,12	-,09	-,01

* $p \leq ,05$ ** $p \leq ,01$

Como se pode observar na Tabela 10, no grupo com dificuldades de aprendizagem, a dimensão disciplina apropriada correlaciona-se de forma significativa, negativa e moderada com as reações de foco no problema; a dimensão disciplina inconsistente correlaciona-se de forma significativa, positiva e elevada com as reações

de punição. Por fim, a dimensão disciplina positiva correlaciona-se de forma significativa, positiva e moderada com as reações de encorajamento da expressividade, reações de foco nas emoções e reações de foco no problema.

No grupo Problemas de Comportamento:

Tabela 11 – Correlações entre Práticas Parentais e Estratégias de Regulação Emocional-GPC

	Regulação emocional parental					
	Punição	Encorajamento	Emoções	Problemas	Minimiza	Stress
Disciplina apropriada	-,11	-,01	,07	,24	,03	,14
Disciplina inconsistente	-,17	,00	,07	,12	-,21	,14
Disciplina positiva	-,64**	,26	,38	,56**	-,36	-,26
Punição física	,01	-,22	-,26	-,19	-,08	,27
Elogio e incentivos	-,21	,14	,28	,10	-,23	-,13
Expetativas claras	-,11	-,15	-,27	-,19	-,22	-,01
Monitorização	,26	,24	,04	-,08	,25	,21

* $p \leq ,05$ ** $p \leq ,01$

No grupo com problemas de comportamento, a dimensão disciplina positiva apresenta uma correlação significativa, negativa e de magnitude elevada com as reações de punição e uma correlação significativa, positiva e de magnitude elevada com as reações de foco no problema.

4. Caraterização do Temperamento da Criança

O temperamento da criança foi avaliado, com recurso ao CBQ. As estatísticas descritivas do presente questionário podem ser apreciadas na tabela nº 12. De uma forma geral, os sujeitos obtêm valores médios mais elevados na dimensão Controlo por esforço e mais baixos em Emocionalidade negativa.

Tabela 12 – Caracterização das Dimensões do Temperamento da Criança – Amostra Global

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Emocionalidade negativa	50	2,70	5,22	4,16	,54
Controlo por esforço	50	3,45	5,70	4,70	,59
Extroversão	50	3,39	5,65	4,42	,55

Quando comparamos os sujeitos do grupo com dificuldades de aprendizagem com os sujeitos do grupo com problemas de comportamento, quanto ao temperamento, encontramos as seguintes diferenças estatisticamente significativas:

Tabela 13 – Caracterização das Dimensões do Temperamento da Criança -GDA vs GPC

	Dificuldades Aprendizagem		Problemas de Comportamento		Sig.
	M	DP	M	DP	
Emocionalidade negativa	3,98	,57	4,34	,47	,02*
Controlo por esforço	4,87	,48	4,56	,66	,07
Extroversão	4,28	,50	4,57	,57	,06

* $p \leq ,05$ ** $p \leq ,01$

As crianças do grupo com problemas de comportamento obtêm valores mais elevados na dimensão emocionalidade negativa, relativamente às crianças do grupo com dificuldades de aprendizagem, o que vai de encontro ao esperado.

5. Caracterização da Adaptação da Criança

A adaptação da criança foi avaliada em 5 subescalas, com recurso ao questionário SDQ. As estatísticas descritivas do presente questionário podem ser apreciadas na tabela nº 14.

Tabela 14 – Caraterização das Dimensões da Adaptação da Criança-Amostra Global

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Comportamento prossocial	50	0	10	5,00	3,21
Problemas de comportamento	50	0	6	2,12	1,22
Sintomas emocionais	50	0	8	1,32	1,80
Hiperatividade	50	1	10	5,02	1,69
P. relacionamento com colegas	50	0	7	2,34	1,37
Total de dificuldades	50	4	24	10,80	4,16

De uma forma global, os sujeitos obtêm valores médios mais elevados nas dimensões hiperatividade e comportamento prossocial e mais baixos na dimensão sintomas emocionais.

Quando comparamos os dois grupos clínicos da amostra, encontramos as seguintes diferenças estatisticamente significativas:

Tabela 15 – Caraterização das Dimensões da Adaptação da Criança-GDA vs GPC

	Dificuldades Aprendizagem		Problemas de Comportamento		Sig.
	M	DP	M	DP	
Comportamento prossocial	6,50	3,28	3,62	2,48	,003**
Problemas de comportamento	1,38	,92	2,81	1,06	,001***
Sintomas emocionais	1,33	1,93	1,31	1,72	,813
Hiperatividade	4,08	1,38	5,88	1,51	,001***
P. relacionamento com colegas	1,75	,99	2,88	1,48	,002**
Total de dificuldades	8,54	2,72	12,88	4,22	,001***

* $p \leq ,05$ ** $p \leq ,01$ *** $p < 0,005$;

As crianças do grupo com dificuldades de aprendizagem obtêm valores mais elevados na dimensão comportamento prossocial. Por sua vez, as crianças do grupo com problemas de comportamento obtêm valores mais elevados nas dimensões problemas de comportamento, hiperatividade e problemas de relacionamento com os colegas, o que já era esperado. Assim sendo, na escala total de dificuldades, o grupo com problemas de comportamento obtém os valores mais elevados, o que vai de encontro ao esperado.

6.Associação entre a Adaptação e o Temperamento da Criança

Na amostra global:

Tabela 16 – Correlações entre Adaptação e Temperamento da Criança-Amostra Global

	CBQ		
	E. negativa	C. Esforço	Extroversão
Comportamento prossocial	-,16	,34*	,02
Problemas de comportamento	,43**	-,21	,42**
Sintomas emocionais	,07	,05	-,15
Hiperatividade	,36**	-,14	,39**
P. relacionamento com colegas	,13	-,15	-,11
Total de dificuldades	,32*	-,16	,16

* $p \leq ,05$ ** $p \leq ,01$

A dimensão emocionalidade negativa correlaciona-se de forma significativa, positiva e moderada com os problemas de comportamento e de forma significativa, positiva e fraca com a dimensão hiperatividade e com o total de dificuldades. A dimensão controlo por esforço correlaciona-se de forma significativa, positiva e fraca com o comportamento prossocial. Por último, a dimensão extroversão correlaciona-se de forma significativa, positiva e moderada com os problemas de comportamento e de forma significativa, positiva e fraca com a hiperatividade.

No grupo Dificuldades de Aprendizagem:

Tabela 17: Correlações entre Adaptação e Temperamento da Criança – GDA

	CBQ		
	E. negativa	C. Esforço	Extroversão
Comportamento prósocial	-,12	,26	-,04
Problemas de comportamento	,25	-,24	,24
Sintomas emocionais	,03	,09	-,21
Hiperatividade	,39	-,15	,13
P. relacionamento com colegas	,07	-,36	-,40
Total de dificuldades	,33	-,30	-,17

Não se encontraram diferenças estatisticamente significativas entre as dimensões do temperamento e as dimensões da adaptação da criança, no grupo supracitado.

No grupo Problemas de Comportamento:

Tabela 18 – Correlações entre Adaptação e Temperamento da Criança - GPC

	CBQ		
	E. negativa	C. Esforço	Extroversão
Comportamento prósocial	,08	,20	,30
Problemas de comportamento	,30	,03	,46*
Sintomas emocionais	,12	,00	-,15
Hiperatividade	,06	,19	,50*
P. relacionamento com colegas	,02	,21	-,10
Total de dificuldades	,14	,26	,17

* $p \leq ,05$ ** $p \leq ,01$

A dimensão extroversão correlaciona-se de forma significativa, positiva e moderada com os problemas de comportamento e com a hiperatividade.

7.Associação entre as Dimensões da Parentalidade e as Dimensões da Criança

7.1 Associação entre Práticas Parentais e Temperamento da Criança

Na amostra global:

**Tabela 19 – Correlações entre Práticas Parentais e Temperamento da Criança-
Amostra Global**

	CBQ		
	E. negativa	C. Esforço	Extroversão
Disciplina apropriada	,26	-,20	,29*
Disciplina inconsistente	,22	-,25	,17
Disciplina positiva	-,11	,11	,14
Punição física	-,04	-,18	,03
Elogio e incentivos	,16	,27*	,28*
Expetativas claras	-,07	-,11	-,02
Monitorização	-,11	,15	-,10

* $p \leq ,05$ ** $p \leq ,01$

A dimensão controlo por esforço correlaciona-se de forma significativa, positiva e fraca com a dimensão elogios e incentivos. Por sua vez, a dimensão extroversão correlaciona-se de forma significativa, positiva e fraca com a disciplina apropriada e com os elogios e incentivos.

No grupo com Dificuldades de Aprendizagem:

**Tabela 20 – Correlações entre Práticas Parentais e Temperamento da Criança -
GDA**

	CBQ		
	E. negativa	C. Esforço	Extroversão
Disciplina apropriada	,08	-,00	,25
Disciplina inconsistente	,45*	-,29	,45*
Disciplina positiva	-,30	,14	-,16
Punição física	,06	-,29	,12
Elogio e incentivos	,02	,25	,10
Expetativas claras	-,12	-,26	,10

Monitorização	-,17	,15	-,24
---------------	------	-----	------

* $p \leq ,05$ ** $p \leq ,01$

No grupo supracitado, a dimensão emocionalidade negativa correlaciona-se de forma significativa, positiva e moderada com a disciplina inconsistente. Por sua vez, a dimensão extroversão correlaciona-se de forma significativa, positiva e moderada com a disciplina inconsistente.

No grupo com Problemas de Comportamento:

Tabela 21 - Correlações entre Práticas Parentais e Temperamento da Criança - GPC

	CBQ		
	E. negativa	C. Esforço	Extroversão
Disciplina apropriada	,29	-,22	,22
Disciplina inconsistente	-,13	-,18	-,16
Disciplina positiva	-,00	,19	,43*
Punição física	-,21	-,12	-,10
Elogio e incentivos	,18	,50**	,41*
Expetativas claras	-,13	,00	-,14
Monitorização	,10	,07	,13

* $p \leq ,05$ ** $p \leq ,01$

A dimensão controlo por esforço correlaciona-se de forma significativa, positiva e moderada com os elogios e incentivos. Por sua vez, a dimensão extroversão correlaciona-se de forma significativa, positiva e moderada com a disciplina positiva e com os elogios e incentivos.

7.2. Associação entre Práticas Parentais e Adaptação da Criança

Na amostra global:

Tabela 22 – Correlações entre Práticas Parentais e Adaptação da Criança – Amostra Global

	SDQ					
	C. prosocial	P. comport.	S. emocionais	Hiperativida de	Colega s	Tota l
Disciplina apropriada	,03	,28*	,06	,10	,07	,14
Disciplina inconsistente	-,15	,46**	,13	,33*	,12	,33*
Disciplina positiva	,10	,12	,02	-,02	,04	-,03
Punição física	,08	,15	,14	,04	,23	,23
Elogio e incentivos	-,00	,29*	-,19	,18	,02	,05
Expetativas claras	,10	,12	,10	-,01	,13	,11
Monitorização	,02	-,22	-,29*	-,13	-,10	-,20

* $p \leq ,05$ ** $p \leq ,01$

De uma forma geral, a dimensão problemas de comportamento correlaciona-se de forma significativa, positiva e moderada com a disciplina inconsistente e de forma significativa, positiva e fraca com a disciplina apropriada e os elogios e incentivos. Por sua vez, a dimensão sintomas emocionais correlaciona-se de forma significativa, negativa e fraca com a monitorização. Quanto à dimensão hiperatividade, esta correlaciona-se de forma significativa, positiva e fraca com a disciplina inconsistente. Finalmente, o total de dificuldades correlaciona-se de forma significativa, positiva e fraca com a disciplina inconsistente.

No grupo com Dificuldades de Aprendizagem:

Tabela 23 – Correlações entre Práticas Parentais e Adaptação da Criança – GDA

	SDQ					
	C. prosocial	P. comport.	S. emocionais	Hiperativida de	Colega s	Total Dif.
Disciplina apropriada	,03	,07	,13	-,28	,30	-,21
Disciplina inconsistente	,07	,32	,49*	,24	-,07	,14
Disciplina positiva	,31	,29	,31	-,23	,02	-,24
Punição física	,25	,15	,37	-,30	,13	-,10

Elogio e incentivos	,18	,35	,16	-,14	,33	-,55**
Expetativas claras	,20	,04	,39*	-,20	,16	-,17
Monitorização	-,30	,13	-,27	-,26	,23	-,27

* $p \leq ,05$ ** $p \leq ,01$

A dimensão Sintomas emocionais correlaciona-se de forma significativa, positiva e moderada com a disciplina inconsistente e de forma significativa, positiva e fraca com as expectativas claras. O total de dificuldades correlaciona-se de forma significativa, negativa e moderada com os elogios e incentivos.

No grupo com Problemas de Comportamento:

Tabela 24 – Correlações entre Práticas Parentais e Adaptação da Criança – GPC

	SDQ					
	C. prosocial	P. comport.	S. emocionais	Hiperativida de	Colega s	Tota l
Disciplina apropriada	,05	,07	,33	,23	,22	,24
Disciplina inconsistente	,02	,34	,52**	,24	,08	,38
Disciplina positiva	,29	,31	,22	,26	,02	,18
Punição física	,12	,01	,37	,22	,47*	,46*
Elogio e incentivos	,18	,42*	,07	,43*	,16	,40*
Expetativas claras	,14	,00	,39*	,18	,34	,34
Monitorização	-,42*	,02	-,66**	,01	-,01	-,15

* $p \leq ,05$ ** $p \leq ,01$

A dimensão comportamentos prossociais correlaciona-se de forma significativa, negativa e moderada com a monitorização. Por sua vez, a dimensão problemas de comportamento correlaciona-se de forma significativa, positiva e moderada com os elogios e incentivos. Também a dimensão hiperatividade se correlaciona de forma significativa, positiva e moderada com os elogios e incentivos. A dimensão sintomas emocionais correlaciona-se de forma significativa, positiva e moderada com a disciplina inconsistente, de forma significativa, positiva e fraca com as expectativas claras e de forma significativa, negativa e elevada com a monitorização. A dimensão problemas de

relacionamento com os colegas correlaciona-se de forma significativa, positiva e moderada com a punição física. Por fim, o total das dificuldades correlaciona-se de forma significativa, positiva e moderada a punição física e com os elogios e incentivos.

7.3. Associação entre Estratégias de Hetero-Regulação Emocional Parental e Temperamento da Criança

Na amostra global:

Tabela 25 – Correlações entre Estratégias de Regulação Emocional Parental e Temperamento da Criança – Amostra Global

	CBQ		
	E. negativa	C. Esforço	Extroversão
Reações de punição	,42**	-,10	,09
Reações encoraj. Expressividade	,12	,11	,13
Reações foco nas emoções	,01	,15	,15
Reações foco no problema	,15	-,10	,21
Reações de minimização	,36**	-,06	,10
Reações Stress/Aborrecimento	,35*	-,13	,07

* $p \leq ,05$ ** $p \leq ,01$

De uma forma geral, a dimensão emocionalidade negativa correlaciona-se de forma significativa, positiva e moderada com as reações de punição e de forma significativa, positiva e fraca com as reações de minimização e com as reações stress/aborrecimento.

No grupo com Dificuldades de Aprendizagem:

Tabela 26 – Correlações entre Estratégias de Regulação Emocional Parental e Temperamento da Criança – GDA

	CBQ		
	E. negativa	C. Esforço	Extroversão
Reações de punição	,47*	,00	,12
Reações encoraj. Expressividade	-,03	,11	,06
Reações foco nas emoções	-,04	,32	-,12
Reações foco no problema	,04	-,08	,08
Reações de minimização	,36	,19	-,07
Reações Stress/Aborrecimento	,47*	-,02	,18

* $p \leq ,05$ ** $p \leq ,01$

A dimensão emocionalidade negativa correlaciona-se de forma significativa, positiva e moderada com as reações de punição e com as reações de stress/aborrecimento, o que vai de encontro ao esperado.

No grupo com Problemas de Comportamento:

Tabela 27 – Correlações entre Estratégias de Regulação Emocional Parental e Temperamento da Criança – GPC

	CBQ		
	E. negativa	C. Esforço	Extroversão
Reações de punição	,30	-,13	,06
Reações encoraj. Expressividade	,26	,17	,15
Reações foco nas emoções	,10	-,00	,42*
Reações foco no problema	,10	-,03	,27
Reações de minimização	,36	-,20	,19
Reações Stress/Aborrecimento	,27	-,29	-,11

* $p \leq ,05$ ** $p \leq ,01$

A dimensão extroversão correlaciona-se de forma significativa, positiva e moderada com as reações de foco nas emoções.

7.4. Associação entre Estratégias de Hetero-Regulação Emocional Parental e Adaptação da Criança

Na amostra global:

Tabela 28 – Correlações entre Estratégias de Regulação Emocional Parental e Adaptação da Criança – Amostra Global

	SDQ					
	C. prossocial	P. comport.	S. emocionais	Hiperativida de	Colega s	Tota l
Reações de punição	-,20	,15	-,13	,16	,07	,12
Reações encoraj.						
Expressividade	-,07	,10	-,10	,06	-,03	,03
Reações foco nas emoções	,13	-,10	-,04	,06	-,24	-,10
Reações foco no problema	-,11	,11	,02	,21	-,00	,07
Reações de minimização	-,17	,03	-,04	,13	-,01	,08
Reações						
Stress/Aborrecimento	-,06	,04	,13	,04	,07	,12

Não foram encontradas associações estatisticamente significativas entre as estratégias de hetero-regulação emocional parental e dimensões da adaptação da criança, na amostra global.

No grupo Dificuldades de Aprendizagem:

Tabela 29 – Correlações entre Estratégias de Regulação Emocional Parental e Adaptação da Criança – GDA

	SDQ					
	C. prossocial	P. comport.	S. emocionais	Hiperativida de	Colega s	Total
Reações de punição	-,11	,31	,02	,14	,10	,24

Reações encoraj.						
Expressividade	-,05	,08	-,03	,11	-,03	,00
Reações foco nas emoções	,09	-,19	,14	,09	-,11	,08
Reações foco no problema	-,19	,11	,02	,29	,05	,19
Reações de minimização	-,06	,02	,26	,24	,14	,32
Reações						
Stress/Aborrecimento	,12	,10	,30	,06	,09	,30

* $p \leq ,05$ ** $p \leq ,01$

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre as estratégias de hetero-regulação emocional parental e dimensões da adaptação da criança, no grupo supracitado.

No grupo com Problemas de Comportamento:

Tabela 30 – Correlações entre Estratégias de Regulação Emocional Parental e Adaptação da Criança – GPC

	SDQ					
	C. prossocial	P. comport.	S. emocionais	Hiperativida de	Colega s	Tota l
Reações de punição	-,27	-,02	-,27	,02	,02	-,00
Reações encoraj.						
Expressividade	-,05	,05	-,20	-,07	-,14	-,11
Reações foco nas emoções	,11	,12	-,24	,07	-,29	-,16
Reações foco no problema	,12	-,03	,05	,12	-,18	-,07
Reações de minimização	-,14	-,12	-,32	-,15	-,18	-,22
Reações						
Stress/Aborrecimento	-,46*	,09	-,01	,08	,15	,17

* $p \leq ,05$ ** $p \leq ,01$

No grupo supracitado, a dimensão comportamentos prosociais correlaciona-se de forma significativa, negativa e moderada com as reações de stress/aborrecimento.

CAPÍTULO IV – DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Este capítulo destina-se à discussão dos resultados anteriormente apresentados. Esta discussão tomará em consideração a revisão de literatura efetuada e que fundamenta a presente investigação. À semelhança do capítulo anterior, a discussão seguirá a sequência dos objetivos delineados para este estudo.

1.Caraterização das Práticas Educativas Maternas

De uma forma geral, as mães da amostra revelaram uma maior tendência na adoção de práticas positivas, nomeadamente o uso da monitorização, da disciplina verbal positiva e o estabelecimento de expectativas claras. Quando comparamos os dois grupos clínicos, as mães das crianças com problemas de comportamento reportam valores mais elevados na dimensão disciplina apropriada. Este resultado é inconsistente com estudos anteriores (Stright, Kelley & Gallagher, 2008), que indicam uma associação entre práticas parentais positivas e melhores competências sociais e relacionais das crianças. Por outro lado, práticas parentais negativas têm sido associadas a problemas de comportamento (Weiss, Dodge, Bates & Pettit, 1992; Sheehan & Watson, 2008). Assim sendo, seria de esperar que as mães do grupo com dificuldades de aprendizagem adotassem mais estratégias de disciplina apropriada. Uma possível explicação para este resultado, prende-se com o fato das mães e das crianças com problemas de comportamento estarem, no momento atual, em intervenção psicológica e de esta intervenção envolver frequentemente uma componente de intervenção parental. Como tal, estas mães poderão ter desenvolvido estratégias parentais mais adequadas, que foram trabalhadas durante a intervenção. Por outro lado, a inconsistência entre os resultados do presente estudo e os das investigações anteriormente mencionadas pode dever-se à natureza bi-direcional da relação entre práticas parentais e a adaptação da criança. Tendo em conta os itens que fazem parte da dimensão disciplina apropriada, estes referem-se, essencialmente, a estratégias mais punitivas, como retirada de privilégios e utilização de time-out. Uma vez que as crianças com dificuldades de aprendizagem não apresentam problemas de comportamento acentuados, é natural que o uso de estratégias mais punitivas não seja tão necessário e frequente.

2.Caraterização das Estratégias de Hetero-Regulação Emocional

No que diz respeito às estratégias de hetero-regulação emocional, os resultados revelam que as mães adotam com uma maior frequência estratégias positivas, nomeadamente reações de foco no problema e reações de foco nas emoções, e com uma menor frequência estratégias negativas, nomeadamente reações de punição e reações de stress/aborrecimento.

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos clínicos em estudo, no que se refere a estas estratégias. Este dado é inconsistente com estudos anteriores (Fabes et al., 1999; 2001) que verificam que uma regulação emocional adequada por parte dos pais está associada a melhores competências socio-emocionais da criança. Uma vez que as crianças do grupo com problemas de comportamento apresentam piores competências nestas áreas, esperar-se-ia a adoção de estratégias mais negativas por parte das suas mães. Isto não se verificou e pode ser explicado de diversas formas. Por um lado, e uma vez que estas estratégias foram avaliadas unicamente com recurso a um questionário de auto-relato, as mães dos sujeitos do grupo com problemas comportamentais podem ter respondido numa direção mais favorável e de forma consistente com o que julgam ser socialmente aceite e adequado na relação pais-filhos. Segundo Cruz (2005), as ideias dos pais, expressas em resposta a um questionário, são muitas vezes respostas socialmente desejáveis ou clichés. Por outro lado, este dado pode refletir uma distorção das suas perceções, relativamente aos seus próprios comportamentos em situações de emocionalidade negativa dos seus filhos. Também de acordo com Cruz (2005), se os pais fizerem pouca monitorização dos seus comportamentos, podem fazer afirmações que não se traduzem, de forma alguma, nas suas ações.

3. Associação entre Práticas Parentais e Estratégias de Hetero-Regulação Emocional Parental

De uma forma geral, observou-se uma associação estatisticamente significativa entre as práticas parentais e as estratégias de hetero-regulação emocional parental. Tendo em consideração a amostra global, quanto mais as mães aplicam estratégias de

disciplina positiva, mais têm reações de encorajamento da expressividade, reações de foco no problema e reações de foco nas emoções e menos adotam reações punitivas.

O mesmo padrão foi encontrado nas mães das crianças com problemas de comportamento e das crianças com dificuldades de aprendizagem. Em relação às crianças com problemas comportamentais, quanto mais as mães utilizam estratégias de disciplina positiva, mais utilizam reações de foco no problema e menos utilizam reações punitivas, aquando de situações de emocionalidade negativa dos seus filhos. Por seu lado, nas mães do grupo com dificuldades de aprendizagem, a disciplina positiva está correlacionada positivamente com estratégias de regulação mais positivas, nomeadamente de encorajamento da expressividade emocional, de foco nas emoções e de foco no problema.

Adicionalmente, observam-se associações no grupo de crianças com dificuldades de aprendizagem que não se encontram para a amostra global e para o grupo de crianças com problemas de comportamento. Neste grupo, as estratégias de disciplina inconsistente revelam uma associação positiva e forte com as reações de punição. Por outro lado, quanto mais as mães utilizam reações de foco no problema, menos utilizam estratégias de disciplina apropriada. Este último resultado é inconsistente com o esperado. Uma hipótese que pode contribuir para a explicação deste resultado é o facto de, à semelhança do que já aconteceu anteriormente para a mesma dimensão, a disciplina apropriada aparecer operacionalizada como estratégia mais punitiva, associada a retirada de privilégios e utilização de time-out. De fato, se olharmos para esta dimensão, ela aparece marginalmente correlacionada a reações de punição. Provavelmente, se a amostra do estudo fosse maior, a correlação seria estatisticamente significativa.

Até ao momento, não foi encontrada literatura empírica que relacionasse especificamente práticas parentais e estratégias de hetero-regulação emocional parental. A maioria dos estudos que abordam estas variáveis procuram associações com a adaptação da criança. Como tal, não foi possível comparar os resultados do presente estudo com outros.

4. Caraterização do Temperamento da Criança

Relativamente ao temperamento da criança, de uma forma geral, a amostra do presente estudo revela níveis elevados de controlo por esforço e níveis baixos de emocionalidade negativa.

Quando comparamos os dois grupos clínicos, as crianças do grupo com problemas de comportamento apresentam níveis mais elevados de emocionalidade negativa, relativamente às crianças do grupo com dificuldades de aprendizagem, o que vai de encontro ao esperado. Segundo estudos anteriores (Klein & Linhares, 2010), níveis elevados de emocionalidade positiva e controlo por esforço estão associados a um nível de desenvolvimento e ajustamento positivo. Por outro lado, níveis elevados de emocionalidade negativa estão associados a baixa adaptabilidade e problemas de comportamento (Thomas & Chess, 1977).

5.Caraterização da Adaptação da Criança

Relativamente à adaptação da criança, de uma forma geral, as crianças da amostra total obtêm valores médios mais elevados nas subdimensões Hiperatividade e Comportamento Prosocial e mais baixos na subdimensão Sintomas emocionais.

Quando comparamos os dois grupos da amostra, as crianças do grupo com dificuldades de aprendizagem apresentam mais comportamentos prosociais por comparação ao grupo com problemas comportamentais. Por sua vez, as crianças do grupo com problemas comportamentais apresentam níveis mais elevados de problemas de comportamento, hiperatividade e problemas de relacionamento com os colegas, o que vai de encontro às suas caraterísticas diagnósticas de PHDA e/ou Perturbação de Oposição (DSM-5 - APA, 2014; Burke et al., 2008). Assim sendo, na escala Total de dificuldades, o grupo com problemas de comportamento obtém os valores mais elevados, o que é expectável.

6.Associação entre a Adaptação e o Temperamento da Criança

De forma consistente com estudos anteriores (Klein & Linhares, 2010; Zentner & Bates, 2008), na amostra total da presente investigação observam-se associações significativas entre certas dimensões do temperamento e da adaptação da criança. Assim

sendo, o temperamento caracterizado por níveis elevados de emocionalidade negativa correlaciona-se positivamente com as dimensões dos problemas de comportamento e hiperatividade. Estes resultados vão de encontro a estudos anteriores (Gartstein, Putnam & Rothbart, 2012), que indicam uma relação entre afetividade negativa e problemas de externalização. Adicionalmente, observaram-se associações positivas entre níveis elevados de extroversão e problemas de comportamento e hiperatividade. Esta relação também foi observada nas crianças do grupo com problemas de comportamento. Mais uma vez, estes resultados são corroborados por investigações precedentes (Gartstein, Putnam & Rothbart, 2012; Rothbart & Bates, 2006), que associam níveis elevados de extroversão a problemas de externalização e níveis baixos de extroversão a problemas internalizantes. Por fim, o controlo por esforço revelou correlações positivas com a dimensão de comportamentos prossociais. Estes resultados reforçam as conclusões de estudos anteriores (Bridgett et al., 2009; Klein & Linhares, 2010), que sugerem a importância do controlo por esforço no estabelecimento de relações interpessoais. Por outro lado, Gartstein, Putnam e Rothbart (2012), encontraram uma relação entre níveis baixos de controlo por esforço e problemas de externalização.

7.Associação entre as Dimensões da Parentalidade e as Dimensões da Criança

7.1 Associação entre Práticas Parentais e Temperamento da Criança

De uma forma geral, na presente investigação, verificam-se algumas associações estatisticamente significativas entre certas práticas parentais e certas dimensões do temperamento da criança. Assim sendo, na amostra total, observa-se uma associação positiva, de magnitude baixa, entre o controlo por esforço e a prática de elogios e incentivos. Isto vai de encontro aos resultados encontrados por estudos anteriores (Bridgett et al., 2009; Klein & Linhares, 2010), que indicam que o controlo por esforço desempenha um papel central na socialização da criança, sendo um ponto essencial no desenvolvimento da autorregulação. Assim sendo, e segundo Putnam et al. (2002), crianças mais adaptadas socialmente têm respostas mais positivas e responsivas por parte dos pais. Este padrão de relações foi, igualmente, encontrado no grupo com problemas de comportamento, tendo-se observado uma associação de magnitude elevada entre controlo por esforço e prática de elogios e incentivos.

Por outro lado, encontrou-se uma associação positiva entre a extroversão e a disciplina apropriada e os Elogios e incentivos. Estes resultados são inconsistentes com a literatura existente (Stormshak et al., 2000; Wasserman et al., 1996), que indica uma relação entre comportamentos disruptivos e hiperatividade da criança e práticas parentais rígidas e inconsistentes. Isto pode ser explicado de diferentes formas. A extroversão diz respeito a um nível elevado de atividade, impulsividade, preferência por estimulação de alta intensidade e rápida aproximação em situações sociais novas (Bridgett et al., 2009; Putnam et al. 2001; Klein & Linhares, 2010). Isto pode significar que, quanto mais extrovertida uma criança é, mais necessidade os pais têm de regular o seu comportamento, com recurso a estratégias de contingência de reforços ou punições, implicadas nas dimensões parentais supracitadas. Por outro lado, estes resultados podem ser também explicados por limitações metodológicas. Segundo Putnam e colaboradores (2002), estudos que se apoiam em relatos parentais para aceder a dimensões, tanto do temperamento da criança, como da parentalidade, podem revelar resultados ambíguos, uma vez que estas variáveis podem tornar-se dependentes, na medida em que características dos pais podem afetar a sua perceção sobre as suas próprias práticas parentais e o temperamento dos filhos. Outra explicação prende-se com o fato da dimensão de extroversão poder assumir diferentes constelações, em função das outras dimensões do temperamento, resultando em diferentes trajetórias desenvolvimentais. Assim sendo, ter uma criança com níveis elevados de extroversão e controlo por esforço é diferente de ter uma criança com elevada extroversão e baixo controlo por esforço, que resultará em maiores problemas de externalização (Gartstein et al., 2012). Um padrão semelhante foi, novamente, encontrado no grupo com problemas de comportamento, observando-se associações de magnitude mais elevada. Por sua vez, o grupo de crianças com dificuldades de aprendizagem revela um padrão diferente da amostra total e das crianças com dificuldades de aprendizagem. Foi observada uma associação positiva entre a extroversão e a disciplina parental inconsistente, estando estes resultados de acordo com os resultados de investigações anteriores (Frick et al., 1992; Stormshak et al., 2000; Wasserman et al., 1996), que associaram comportamentos disruptivos e hiperatividade da criança a práticas parentais rígidas e inconsistentes. No mesmo grupo, observa-se uma correlação entre emocionalidade negativa e disciplina parental inconsistente. Estes resultados vão de encontro a estudos anteriores (Hemphill & Sanson, 2000; Putnam et al., 2002), que referem uma associação entre crianças mais

irritáveis e com um humor mais negativo e pais menos responsivos e com práticas parentais mais negativas.

7.2. Associação entre Práticas Parentais e Adaptação da Criança

O interesse pelo estudo da parentalidade e a sua influência na adaptação da criança já é antigo (Cruz, 2005). Várias dimensões do comportamento parental têm sido apontadas como estando relacionadas com o ajustamento dos filhos. De um modo geral, de acordo com a literatura revista, existe uma relação positiva entre práticas parentais negativas e problemas emocionais e comportamentais na infância e adolescência (Weiss, Dodge, Bates & Pettit, 1992; Sheehan & Watson, 2008). Assim sendo, um dos grandes objetivos deste estudo foi analisar a relação existente entre as duas variáveis supracitadas.

De uma forma geral, na amostra total, a disciplina inconsistente correlaciona-se de forma significativa e positiva com os problemas de comportamento. Estes resultados corroboram estudos anteriores (Gershoff, 2002), que indicam uma associação entre práticas negativas de punição física e inconsistência e níveis elevados de problemas de comportamento. Por outro lado, a disciplina apropriada e os elogios e incentivos correlacionam-se significativa e positivamente com os problemas de comportamento. Um padrão semelhante é encontrado no grupo com problemas de comportamento, no qual se observa uma correlação entre elogios e incentivos e problemas comportamentais. Estes resultados são inconsistentes com investigações anteriores (Baumrind, 1979; 1991), que revelam uma associação negativa entre práticas parentais positivas de responsividade e envolvimento afetivo e problemas comportamentais da criança. Uma explicação para este resultado poderá estar relacionada com o fato destas mães estarem a receber aconselhamento parental, como já foi referido, tendo, possivelmente, mais motivação para aplicar estratégias parentais positivas. Logo, isto pode ser resultado da própria intervenção.

Quanto à dimensão Hiperatividade, na amostra total, aparece correlacionada de forma significativa e positiva com a disciplina inconsistente. Este resultado replica estudos anteriores (Burke et al., 2008; Stormshak et al., 2000), que mostram uma associação entre parentalidade negativa, como punição física, disciplina permissiva e

inconsistente e sintomas disruptivos, tais como oposição, hiperatividade e agressão. Por outro lado, no grupo com problemas de comportamento, a dimensão Hiperatividade correlaciona-se de forma significativa e positiva com os Elogios e incentivos. Estes resultados não corroboram a literatura supracitada e podem ser explicados da seguinte forma: mais uma vez, é possível que isto seja um efeito da intervenção parental a que estas mães tiveram acesso.

Relativamente à dimensão Sintomas emocionais, correlaciona-se de forma significativa e negativa com a monitorização na amostra global e no grupo de problemas de comportamento. Isto significa que, quanto menor a monitorização ou supervisão parental, maior a frequência de sintomas de internalização, nomeadamente a tristeza e a ansiedade. Estes resultados são consistentes com o estudo de Paulussen-Hoogeboom et al. (2007), que revela uma associação entre níveis baixos de envolvimento e suporte parental e uma emocionalidade mais negativa por parte da criança. Por outro lado, nos dois grupos clínicos da amostra, observa-se uma correlação significativa e positiva entre sintomas emocionais e disciplina inconsistente. Estes resultados corroboram a literatura anterior (Hemphil & Sanson, 2000; Putnam et al., 2002), na medida em que práticas parentais negativas, como a inconsistência e o baixo envolvimento parental, foram associadas a crianças mais irritáveis e com humor negativo. Por outro lado, a mesma dimensão de sintomas emocionais correlaciona-se de forma significativa e positiva com as expectativas claras, igualmente para os dois grupos clínicos. Estes resultados podem ser explicados de diferentes formas. Uma das hipóteses relaciona-se com o fato de crianças com sintomas emocionais mais negativos serem mais auto-conscientes e, portanto, possivelmente mais perturbadas quando confrontadas com aquilo que se espera delas. Por outro lado, é preciso ter em conta a própria escala dos sintomas emocionais. Na versão portuguesa, a consistência interna desta escala é de ,52 de *alfa*. Logo, os resultados relativos a esta escala devem ser olhados com a devida precaução.

No grupo com problemas de comportamento, observa-se uma correlação significativa entre problemas de relacionamento com colegas e práticas parentais de punição física. Estes resultados são expectáveis, tendo em conta os estudos anteriores (Sheehan & Watson, 2008; Weiss et al., 1992), que encontram evidência para uma associação entre disciplina parental agressiva e comportamento agressivo e baixos níveis de ajustamento social, por parte da criança.

No mesmo grupo, observa-se uma correlação significativa e negativa entre comportamentos prossociais da criança e monitorização parental. Estes resultados não corroboram estudos anteriores (Hemphill & Sanson, 2000), que revelam uma associação entre níveis baixos de responsividade e supervisão parental e uma emocionalidade mais negativa por parte da criança. Uma possível explicação para este resultado pode ser o fato de que, quanto mais competências sociais a criança tem, menos os pais sentem necessidade de supervisionar os seus comportamentos. É de referir que esta explicação é mais provável, por estarmos perante crianças em idade escolar. Provavelmente na adolescência, os resultados iriam num outro sentido.

Finalmente, na amostra total, observa-se uma correlação significativa e positiva entre o total de dificuldades da criança e a disciplina parental inconsistente. No grupo com dificuldades de aprendizagem, o total de dificuldades correlaciona-se significativa e negativamente com os elogios e incentivos. No grupo com problemas de comportamento, o total de dificuldades da criança correlaciona-se significativa e positivamente com a punição física. Estes resultados são consistentes com os resultados de estudos anteriores (Egeland & Sroufe, 1981; Sheehan & Watson, 2008; Weiss, Dodge, Bates & Pettit, 1992), que encontram uma associação entre práticas parentais negativas e baixos níveis de ajustamento da criança. Ainda no grupo com problemas de comportamento, o total de dificuldades relaciona-se, igualmente, de forma significativa e positiva com os elogios e incentivos, ao contrário do que se observou no grupo de crianças com dificuldades de aprendizagem. Este resultado é inconsistente com a literatura referida anteriormente e pode ser explicada, mais uma vez, pela intervenção parental a que estas mães foram sujeitas. Uma vez que têm crianças com níveis elevados de comportamento disfuncional, podem sentir mais necessidade de intercalar entre estratégias punitivas e positivas, para tornar contingentes comportamentos mais adequados. Uma vez que as crianças do grupo com dificuldades de aprendizagem não têm níveis elevados de problemas de comportamento, os pais podem não sentir tanta necessidade de elogiar o comportamento adequado, pois ele é mais frequente.

Como já foi referido anteriormente, existe uma associação significativa entre práticas parentais negativas e problemas de comportamento, na infância (Weiss, Dodge, Bates & Pettit, 1992; Sheehan & Watson, 2008) e adolescência (Egeland & Sroufe, 1981; Sheehan & Watson, 2008). Alguns resultados do presente estudo corroboram a literatura supracitada. De um modo geral, é possível verificar uma relação significativa

entre disciplina inconsistente e hiperatividade, sintomas emocionais, problemas de comportamento e o total de dificuldades da adaptação da criança. Também a punição física apareceu correlacionada com os problemas de relacionamento com os colegas e o total de dificuldades. Assim sendo, a disciplina parental inconsistente e a punição física parecem ter um papel crucial nos problemas emocionais e comportamentais da criança, embora não se conheça a direção dos efeitos. Estes resultados são corroborados por diversos estudos: comportamentos de oposição e agressividade foram associados a práticas parentais de inconsistência (Gardner, 1989; Stormshak et al., 2000; Wahler & Dumas, 1986) e punição física (Gershoff, 2002; Stormshak et al., 2000; Strassberg, Dodge, Pettit, & Bates, 1994; Weiss et al., 1992).

As diferenças de resultados para os dois grupos da amostra é um outro aspeto a salientar nesta investigação. De fato, tomando em consideração os dois grupos clínicos da amostra, é possível observar padrões de associações diferentes e que a magnitude dessas associações é diferente para os dois grupos, por vezes, em sentidos opostos. Uma das possíveis explicações para estes resultados, prende-se com a hipótese da suscetibilidade diferencial de Belsky (1997). Segundo o autor, as crianças diferem no grau em que a parentalidade afeta a sua adaptação: crianças com temperamento difícil são mais suscetíveis a efeitos da parentalidade do que crianças com temperamento fácil (Belsky, Hsieh & Crnic, 1998). De acordo com o autor, crianças mais suscetíveis têm resultados piores quando expostas a experiências parentais negativas, mas têm resultados melhores quando expostas a experiências positivas. Vários estudos têm corroborado esta hipótese, mostrando que o mesmo comportamento parental pode produzir resultados desenvolvimentais diferentes, em crianças com diferentes características temperamentais (Kochanska & Kim, 2013; Stright et al., 2008; Ulbricht et al., 2011). Na verdade, na presente investigação, encontrou-se um nível mais elevado de associações entre as práticas parentais e a adaptação da criança, no grupo com problemas de comportamento, por comparação ao grupo com dificuldades de aprendizagem. Infelizmente, o presente estudo não teve uma amostra suficiente para fazer uma análise sobre um possível efeito de moderação do temperamento na relação entre parentalidade e adaptação da criança.

7.3. Associação entre Estratégias de Hetero-Regulação Emocional Parental e Temperamento da Criança

O interesse sobre as estratégias de regulação emocional dos pais tem vindo a crescer na última década. No entanto, poucos são os estudos que se tenham debruçado sobre o efeito destas estratégias no temperamento da criança (Barros et al., 2015; Cruz, 2005).

De uma forma geral, na amostra total da presente investigação, observa-se uma correlação significativa e positiva entre reações parentais de punição, de minimização e de stress/aborrecimento e padrões de temperamento com níveis elevados de emocionalidade negativa. Um padrão semelhante foi encontrado no grupo com dificuldades de aprendizagem. Estes resultados são consistentes com outros estudos (Denham, Bassett & Wyatt, 2007; Rubin, Burgess & Hastings, 2002), que revelam uma associação entre respostas parentais punitivas e de minimização à expressão emocional dos filhos e crianças com níveis mais elevados de tristeza e ansiedade.

No grupo com problemas de comportamento, observa-se uma correlação significativa e positiva entre reações parentais focadas nas emoções e padrões de temperamento com níveis elevados de extroversão. Para além de níveis elevados de atividade e satisfação com estímulos de alta intensidade, a extroversão, na infância, é maioritariamente manifestada através do sorriso e do riso (Gartstein & Rothbart, 2003). Segundo Rothbart, Ahadi, Karen e Fisher (2001), o riso está associado a afeto positivo intenso, em resposta a mudanças na intensidade do estímulo. Assim sendo, uma hipótese que pode contribuir para a explicação deste resultado, é o fato destas mães sentirem mais necessidade de regular as emoções dos filhos, pois estas crianças mostram uma expressividade emocional mais intensa, que pode ser desadequada, por vezes.

7.4. Associação entre Estratégias de Regulação Emocional Parental e Adaptação da Criança

Alguns estudos têm encontrado associações entre estratégias de hetero-regulação emocional parental e a adaptação da criança (Baker et al., 2011; Barreiros & Cruz, 2012; Fabes et al., 2001; Rivera & Dunsmore, 2011). A maioria dos estudos sugere que

a forma como os pais respondem às emoções dos filhos, vai influenciar a capacidade dos filhos lidarem com as suas próprias emoções e as dos outros (Fabes et al., 2010). Cumberland-Li et al. (2003) referem que a regulação emocional materna influencia a qualidade emocional da interação mãe-criança, o que vai influenciar as competências emocionais e o ajustamento da própria criança.

Apesar disso, ainda são poucos os estudos que se debruçam sobre a variedade de comportamentos que os pais podem adotar, na resposta a situações de emocionalidade negativa dos filhos. A maioria da literatura foca-se, essencialmente, na questão se a emoção negativa dos filhos deve ser encorajada ou suprimida (Fabes et al., 2010).

Na presente investigação apenas se encontraram associações estatisticamente significativas no grupo com problemas de comportamento. Neste, observa-se uma correlação significativa e negativa entre reações parentais de stress/aborrecimento e os comportamentos prossociais da criança. Isto significa que, quanto mais os pais ficam perturbados face à emocionalidade negativa da criança, menos competências sociais os pais percebem na criança. Isto vai de encontro a estudos anteriores: segundo Cumberland-Li et al. (2003), mães com elevada emocionalidade negativa e com baixos níveis de expressividade emocional positiva para com a criança, predizem um funcionamento psicossocial mais pobre na criança. Por outro lado, e de acordo com Knafo e Plomin (2006), pais com uma expressividade emocional mais positiva tendem a ter filhos com níveis elevados de comportamento prossocial. Segundo os autores, isto pode ser explicado por questões de modelagem do comportamento dos pais, o que me parece que também explica os resultados encontrados neste estudo.

CAPÍTULO V – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como principal objetivo o estudo das relações entre práticas parentais, estratégias de hetero-regulação emocional parental, temperamento e adaptação, numa amostra clínica de crianças em idade escolar.

Considera-se que a presente investigação contribui para o estado de arte da literatura empírica atual, na medida em que procurou colmatar algumas limitações dos estudos revistos. Poucos estudos têm abordado a dimensão afetiva da parentalidade (Barros et al., 2015; Cruz, 2005), nomeadamente o impacto das estratégias de regulação emocional parental nas práticas disciplinares. No presente estudo, embora desconhecendo-se a direção do efeito, encontrou-se uma associação entre estratégias de hetero-regulação emocional maternas e práticas educativas maternas.

De uma forma geral, práticas de disciplina positiva correlacionaram-se positivamente com reações de encorajamento da expressividade, reações de foco no problema e reações de foco nas emoções e negativamente com reações punitivas. Por outro lado, estratégias de hetero-regulação emocional negativas, como reações de punição, de minimização e de stress/aborrecimento correlacionaram-se positivamente com padrões de temperamento com elevada emocionalidade negativa. Por sua vez, reações de stress apareceram negativamente relacionadas com comportamentos prossociais da criança. Estes resultados salientam a importância de se incluir o treino em estratégias de regulação emocional em programas de intervenção parental, sobretudo com pais que mostrem mais dificuldade em regular a emocionalidade negativa dos filhos. Segundo Barros e colaboradores (2015), a maioria das intervenções parentais não inclui estratégias de regulação emocional, embora se reconheça que é uma dimensão crítica para intervenções mais eficazes.

Outra contribuição relevante deste trabalho, prende-se com o estudo do temperamento da criança em idade escolar. A maioria da literatura sobre o temperamento da criança foca-se, essencialmente, na primeira infância e idade pré-escolar (Zentner & Bates, 2008). O presente estudo observou, igualmente, associações significativas entre o temperamento da criança e os níveis de adaptação da mesma, por um lado, e o temperamento e as práticas parentais, por outro.

Embora as direções das associações sejam desconhecidas, encontrou-se uma relação positiva entre padrões de temperamento com elevada emocionalidade negativa e elevada extroversão e problemas de comportamento e hiperatividade. Por outro lado, padrões de temperamento com níveis elevados de controlo por esforço apareceram associados a comportamentos pró-sociais. Apesar disso, torna-se necessário salientar a sobreposição de conteúdos entre determinadas medidas da adaptação e determinadas medidas do temperamento, nomeadamente entre a escala dos sintomas emocionais e a escala da emocionalidade negativa. Putnam et al. (2002) também chamaram a atenção para estas dificuldades conceituais e metodológicas e para a necessidade de se obter medidas mais “puras” de temperamento e de adaptação.

Observou-se, ainda, uma associação significativa entre controlo por esforço e práticas parentais de uso de elogio e incentivo; e entre padrões de temperamento com elevada extroversão e emocionalidade negativa e estratégias de disciplina parental inconsistente. O conhecimento destes resultados tem implicações a nível da intervenção psicológica, na medida em que permitirá programar estratégias preventivas, que minimizem o impacto de certas características temperamentais nos problemas de adaptação da criança, nomeadamente emocionalidade mais negativa e níveis elevados de extroversão.

Por fim, outra contribuição relevante da presente investigação prende-se com o estudo da relação entre práticas parentais e adaptação da criança. Dos resultados encontrados, podemos concluir que existe uma associação positiva entre práticas negativas e problemas comportamentais e emocionais das crianças. Desta forma, observou-se uma relação significativa entre disciplina inconsistente e hiperatividade, sintomas emocionais, problemas de comportamento e o total de dificuldades da adaptação da criança. Também a punição física apareceu correlacionada com os problemas de relacionamento com os colegas e o total de dificuldades. Embora não tendo sido possível averiguar as direções dos efeitos, estes resultados apontam para a relevância de certas práticas educativas no funcionamento (in)adaptativo da criança (Sheehan & Watson, 2008; Stright, Kelley & Gallagher, 2008; Weiss, Dodge, Bates & Pettit, 1992). Assim sendo, torna-se importante reforçar a ideia da inclusão de intervenções parentais, para a promoção de uma parentalidade mais positiva, tanto em intervenções que visem a promoção da saúde mental e da adaptação na infância, como

em intervenções que visem a diminuição dos problemas emocionais e comportamentais da criança (Cruz, 2005; Pereira, 2009).

Apesar do contributo do presente estudo, existem algumas limitações. Uma das limitações deste trabalho prende-se com o tamanho reduzido da amostra. Embora a maioria das mães tenha manifestado interesse em participar e tenha dado o seu consentimento, a percentagem de questionários preenchidos foi baixa (55%). Isto salienta a necessidade de manter a dimensão dos protocolos dentro de limites razoáveis, uma vez que esta foi a principal razão da desistência destas mães. Assim sendo, os resultados do estudo devem ser interpretados apenas como indicadores para futuras investigações.

Outra limitação diz respeito ao recurso a um único momento de avaliação. Sendo este um estudo transversal, apenas é possível perceber como as variáveis co-variam num dado momento. Por exemplo, observou-se que determinadas estratégias maternas estão correlacionadas positivamente com diferentes dimensões da adaptação das crianças. Contudo, não é possível verificar o sentido da causalidade destes efeitos, nem a sua permanência no tempo. Assim sendo, sugere-se estudos futuros que utilizem desenhos longitudinais ou experimentais para esclarecer a direção da causalidade desta relação. Por outro lado, seria interessante perceber como as estratégias parentais variam, tendo em conta outras fases de desenvolvimento dos filhos, nomeadamente a adolescência.

Considera-se o recurso a um único instrumento de recolha de dados para cada variável, outra limitação do presente estudo. Por outro lado, o fato de serem instrumentos de auto-relato, preenchidos unicamente pelas mães, limita igualmente a recolha de dados, pois os resultados estão sujeitos à sua perceção dos fatos e, portanto, a possíveis enviesamentos ou a problemas de desejabilidade social. Assim sendo, sugere-se a realização de estudos futuros com recurso a uma combinação de diferentes metodologias (*e.g.* questionários de auto-relato, observação naturalista da interação entre pais e filhos e entrevistas clínicas) e de diferentes informadores, nomeadamente o envolvimento dos pais das crianças e dos professores, uma vez que nestas idades, as crianças passam a maior parte do tempo na escola, junto dos mesmos.

Outra limitação do estudo prende-se com o fato das mães e crianças do grupo com problemas de comportamento estarem, no momento da avaliação, a serem intervencionados ao nível do comportamento disruptivo e de estratégias parentais disfuncionais. Como tal, os resultados podem estar enviesados, na medida em que estas mães poderão estar mais motivadas a aplicar estratégias mais adequadas. Sugere-se, então, estudos futuros com grupos clínicos que ainda não tenham sido sujeitos a qualquer intervenção psicológica, nas áreas da parentalidade e comportamento da criança.

Finalmente, uma outra limitação diz respeito à não consideração de fatores que podem influenciar o comportamento parental, nomeadamente a presença de psicopatologia, que contribui igualmente para a compreensão da relação entre parentalidade e a adaptação da criança (Cruz, 2005; Dix & Yan, 2014). Assim sendo, sugerem-se investigações futuras que incluam este fator na avaliação da parentalidade. Por outro lado, parece-me interessante a inclusão da componente cognitiva da parentalidade, de modo a perceber como as ideias e perceções que os pais têm sobre si mesmos enquanto pais e sobre os seus filhos, influenciam o comportamento parental e, consequentemente, o ajustamento da criança.

Um dos objetivos do presente estudo era perceber a existência de um efeito de moderação do temperamento da criança, na relação entre as variáveis parentais e a adaptação da criança, baseado nas conclusões de estudos anteriores (Belsky et al., 1998; Stright et al., 2008; Ulbricht et al., 2010). Como já referi anteriormente, essa análise não foi possível, tendo em conta a dimensão reduzida da amostra. Assim sendo e em conclusão, penso que seria interessante, em estudos futuros, explorar esse efeito e o contributo relativo das características parentais e da criança para a adaptação da mesma, de modo a compreender quanto é que cada uma explica a variância no ajustamento da criança e quais os processos que estão na base da associação entre elas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alves & Cruz, O. (2011). Reações parentais às emoções negativas dos filhos (RPEN): um questionário da avaliação da meta-emoção parental. In A. S. Ferreira, A. Verhaeghe, D. R. Silva, L. S. Almeida, R. Lima, S. Fraga (Eds), *Atas do VIII congresso iberoamericano de avaliação/evaluación psicológica e XV conferência internacional avaliação psicológica: formas e contextos* (pp.1480-1492). Lisboa: SPP. <http://hdl.handle.net/10216/57244>
- Baker, J. K., Fenning, R. M. & Crnic, K. A. (2011). Emotion socialization by mothers and fathers: Coherence among behaviors and associations with parent attitudes and children's social competence. *Social Development*, 20, 412-430.
- Barreiros, J. & Cruz, O. (2012). Meta-emoção: uma dimensão emocional da parentalidade e da grandeparentalidade. *Amazônica: revista de psicopedagogia, psicologia escolar e educação*, vol. 8 (1), 338-369.
- Barros, L., Goes, A. R., Pereira, A. I. (2015). Parental, self-regulation, emotional regulation and temperament: implications for intervention. *Estudos de Psicologia*; 32(2):331. Brasil. DOI: 10.1590/0103-166X2015000200013
- Baumrind, D. (1967). Child care practices anteceding three patterns of preschool behavior. *Genetic Psychology Monographs*, 75(1), 43-88.
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Development Psychology Monographs*, 4, 1-103.
- Baumrind, D. (1991). The influence of parenting style on adolescent competence and substance use. *Journal of Early Adolescence*, 11(1), 56-95.
- Baumrind, D. & Black, A. E. (1967). Socialization practices associated with dimensions of competence in preschool boys and girls. *Child Development*, 38, 291-327.
- Bell, R. Q. (1968). A reinterpretation of the direction of effects in studies of socialization. *Psychological Review*, 75, 81-95.
- Bell, R. Q. (1971). Stimulus control of parent or caretaker behavior by offspring. *Developmental Psychology*, 4, 63-72.

- Bell, R. Q. (1979). Parent, child and reciprocal influences. *American Psychologist*, 34, 821-826.
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: a process model. *Child Development*, 55, 83-96.
- Belsky, J. (1997). Variation in susceptibility to environmental influence: An evolutionary argument. *Psychological Inquiry*, 8, 230 – 235.
- Belsky, J. (2005). Differential susceptibility to rearing influence: An evolutionary hypothesis and some evidence. In B. J. Ellis & D. F. Bjorklund (Eds.), *Origins of the social mind: Evolutionary psychology and child development*. (pp. 139 – 163). New York: Guilford Press.
- Belsky, J., Hsieh, K. & Crnie, K. (1998). Mothering, fathering and infant negativity as antecedents of boys' externalizing problems and inhibition at age 3 years. Differential susceptibility to rearing experience. *Development and Psychopathology*, 30, 301-319.
- Bridgett, D. J., Gartstein, M. A., Putnam, S. P., McKay, T., Iddins, E., Robertson, C., & Rittmueller, A. (2009). Maternal and contextual influences and the effect of temperament development during infancy on parenting in toddlerhood. *Infant Behavior and Development*, 32(1), 103-116. doi:10.1016/j.infbeh.2008.10.007.
- Burke J., Pardini D. & Loeber R. (2008). Reciprocal relationships between parenting behavior and disruptive Psychopathology from childhood through adolescence. *Abnorm Child Psychology*, 36, 679-692.
- Cheron, D.M., Ehrenreich, J.T., & Pincus, D.B. (2009). Assessment of parental experiential avoidance in a clinical sample of children with anxiety disorders. *Child Psychiatry and Human Development*, 40, 383-403.
- Colder, C. R., Lochman, J. E., & Wells, K. C. (1997). The moderating effects of children's fear and activity level on relations between parenting practices and childhood symptomatology. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 25, 251 – 263.
- Collins, W. A., Maccoby, E. E., Steinberg, L., Hetherington, E. M., & Bornstein, M. H. (2000). Contemporary research on parenting: The case for nature and nurture. *American Psychologist*, 55(2), 218–232.

- Crockenberg, S. C., Leerkes, E. M., & Barrig Jo, P. S. (2008). Predicting aggressive behavior in the third year from infant reactivity and regulation as moderated by maternal behavior. *Development and Psychopathology*, 20, 37–54.
- Cruz, O., Gamelas, A. & Salvado, M. (1994). Como é que as mães de crianças de 5 anos controlam o comportamento dos seus filhos? Apresentação de uma técnica de avaliação dos comportamentos parentais. In Almeida & Ribeiro (Org). *Avaliação Psicológica: formas e contextos*, 2, 201-208.
- Cruz, O. (2005). *Parentalidade*. Editorial Quarteto. Porto.
- Cumberland-Li, A., Eisenberg, N., Champion, C., Gershoff, E., & Fabes, R. A. (2003). The relation of parental emotionality and related dispositional traits to parental expression of emotion and children's social functioning. *Motivation and emotion*, 27(1), 27-56. DOI: 10.1023/A:1023674308969.
- Darling, N. & Steinber, L. (1993). Parenting style as context: an integrative model. *Psychological Bulletin*, 113, 487-496.
- Denham, S. A. (1997). "When I have a bad dream, Mommy holds me": Preschooler's conceptions of emotions, parental socialization, and emotional competence. *International Journal of Behavioral Development*, 20, 301-319.
- Denham, S. A. & Grout, L. (1992). Mother's emotional expressiveness and coping: relations with preschoolers' social- emotional competence. *Genetic, Social and General Psychology Monographs*, 118, 75-101.
- Denham, S. A., Mitchell-Copeland, Strandberg, Auerbach & Blair, K. (1997). Parental contributions to preschoolers' emotional competence: direct and indirect effects. *Motivation and Emotion*, 21, 65-86.
- Dix, T.H. (1991). The affective organization of parenting: adaptive and maladaptive processes. *Psychological Bulletin*, 110, 3-25.
- Dix, T., Ruble, D. & Zambarano, R. (1989). Mothers' Implicit Theories of Discipline: Child Effects, Parent Effects, and the Attribution Process. *Child Development*. Vol. 60, 6, pp. 1373-1391.
- Dix, T., & Yan, N. (2014). Mothers' depressive symptoms and infant negative emotionality in the prediction of child adjustment at age 3: Testing the maternal reactivity and child vulnerability hypotheses. *Development and Psychopathology*, 26(01), 111-124.

- Downey, G., & Coyne, J. C. (1990). Children of depressed parents: An integrative review. *Psychological Bulletin*, 108, 50–76.
- Eisenberg, N., Fabes, R. A., & Murphy, B. C. (1996). Parents' reactions to children's negative emotions: Relations to children's social competence and comforting behavior. *Child Development*, 67, 2227-2247. DOI: 10.1111/j.1467-8624.1996.tb01854.x.
- Eisenberg, N. & Fabes, R. A. (2006). Prosocial development. In Damon & R. M. Lerner (Series Ed.) & N. Eisenberg (Vol. Ed), *Handbook of child psychology, vol. 3: Social emotional and personality development* (6th ed., pp. 647-717). New York: Wiley.
- Fabes, R.A., Eisenberg, N., & Bernzweig, J. (1990). *The Coping with Children's Negative Emotions Scale: Procedures and scoring*. Available from authors. Arizona State University.
- Fabes, R. A., Eisenberg, N., Jones, S., Smith, M., Guthrie, I., Poulin, R., Shepard, S., & Friedman, J. (1999). Regulation, emotionality, and pre-schoolers' socially competent peer interactions. *Child Development*, 70, 432-442. DOI: 10.1111/1467-8624.00031.
- Fabes, R. A., Leonard, S., Kupanoff, K., Martin, C. (2001). Parental Coping with Children's Negative Emotions: Relations with Children's Emotional and Social Responding. *Child Development*, 72, 907-920.
- Fabes, Richard A.; Poulin, Richard E.; Eisenberg, Nancy; Madden-Derdich, Debra A. (2002). The Coping with Children's Negative Emotions Scale (CCNES): Psychometric properties and relations with children's emotional competence. *Marriage & Family Review*, Vol 34(3-4), 285-310. http://dx.doi.org/10.1300/J002v34n03_05
- Fleitlich, B., Loureiro, M. J., Fonseca, A., & Gaspar, F. (2005). Questionário do SDQ, versão traduzida e adaptada para a população portuguesa. <http://www.sdqinfo.com/d23ahtml>
- Frick, P. J., Lahey, B. B., Loeber, R., Stouthamer-Loeber, M., Christ, M. A., & Hanson, K. (1992). Familial risk factors to oppositional defiant disorder and conduct disorder: Parental psychopathology and maternal parenting. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 60(1), 49–55.
- Gallagher, K. C. (2002). Does child temperament moderate the influence of parenting on adjustment? *Developmental Review*, 22, 623 – 643.

- Gandour, M. J. (1989). Activity level as a dimension of temperament in toddlers: its relevance for the organismic specificity hypothesis. *Child Development*, 60, 1092-1098.
- Gardner, F. E. (1989). Inconsistent parenting: is there evidence for a link with children's conduct problems? *Journal Abnormal Child Psychology*, 17(2):223-33.
- Gentzler, A. L., Contreras-Grau, J. M., Kerns, K. A., & Weimer, B. L. (2005). Parent-child emotional communication and children's coping in middle childhood. *Social Development*, 14(4), 591-612. DOI:10.1111/j.1467-9507.2005.00319.x
- Gershoff ET. (2002). Corporal punishment by parents and associated child behaviors and experiences: a meta-analytic and theoretical review. *Psychol Bull* 128:539-579.
- Goodman, R. (1997). The Strengths and Difficulties Questionnaire: A Research Note. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 38, 581-586.
- Goodman, R. (2001). Psychometric Properties of the Strengths and Difficulties Questionnaire. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*. Volume 40, Issue 11, November 2001, Pages 1337-1345
- Gottman, J. M., Katz L. F. & Hooven, C. (1996). Parental meta-emotion philosophy and the emotional life of families: theoretical models and preliminary data. *Journal of Family Psychology*, 10, 243-268.
- Gross, J. & Levenson, R. W. (1997). Hiding emotions: the acute effects of inhibiting negative and positive emotions. *Journal of Abnormal Psychology*, 106, 95-103.
- Huh, D., Tristan, J., Wade, E., & Stice, E. (2006). Does problem behavior elicit poor parenting? A prospective study of adolescent girls. *Journal of Adolescent Research*, 21, 185-204. doi: 10.1177/0743558405285462
- Kagan J. (1994). *Galen's prophecy: temperament in human nature*. NY: Basic Books.
- Katz, L., Maliken, A., & Stettler, N. (2012). Parental Meta-Emotion Philosophy: A Review of Research and Theoretical Framework. *Child Development Perspectives*, Volume 6, Issue 4, pages 417-422.
- Klein, V. C. & Linhares, M. B. M. (2010). Temperamento e desenvolvimento: revisão sistemática da literatura. *Psicologia em Estudo*, 15(4), 821-829.
- Knafo, A. & Plomin, R. (2006). Parental Discipline and Affection and Children's Prosocial Behavior: Genetic and Environmental Links. *Journal of Personality and Social Psychology*, 2006, Vol. 90, No. 1, 147-164.

- Kochanska, G. (1997). Multiple pathways to conscience for children of different temperaments: From toddlerhood to age 5. *Developmental Psychology*, 33, 228 – 240.
- Kochanska, G. & Kim, S. (2013). Difficult temperament moderates links between maternal responsiveness and children's compliance and behavior problems in low-income families. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 54:3, pp 323–332.
- Kucyinski, L. (1984). Socialization goals and mother-child interaction: strategies for long-term and short-term compliance. *Developmental Psychology*, 20, 1061-1073.
- Kuczynski, L., Marshall, S. & Schell, K. (1997). Value socialization in a bidirectional context. *Parenting and children's internalization of values: A Handbook of Contemporary Theory*; 23-50.
- Lengua, L. J., Wolchik, S. A., Sandler, I. N., & West, S. G. (2000). The additive and interactive effects of parenting and temperament in predicting adjustment problems of children of divorce. *Journal of Clinical Child Psychology*, 29, 232 – 244.
- Leve, L. D., Neiderhiser, J. M., Ge, X., Scaramella, L. V., Conger, R. D., Reid, J. B. & Reiss, D. (2010). Infant Pathways to Externalizing Behavior: Evidence of Genotype x Environment Interaction. *Child Development*, Volume 81, Number 1, Pages 340–356.
- Maccoby, E. E. (1984). The role of parents in the socialization of children: An historical overview. *Developmental Psychology*, Vol 28(6), Nov 1992, 1006-1017. <http://dx.doi.org/10.1037/0012-1649.28.6.1006>
- Maccoby, E. E. & Martin, J. A. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. In P. H. Mussen, (Ed.), *Handbook of child psychology* (4th edition). New York: Wiley.
- McLeod, B. D., Weisz, J. R., & Wood, J. J. (2007). Examining the association between parenting and childhood depression: a meta-analysis. *Clinical Psychology Review*, 27(8), 986–1003. doi:10.1016/j.cpr.2007.03.001.
- Meadows, S. O., McLanahan, S. S., & Brooks-Gunn, J. (2007). Parental depression and anxiety and early childhood behavior problems across family types. *Journal of Marriage and Family*, 69, 1162–1177.
- Mills, R. S. L., & Rubin, K. H. (1992). A longitudinal study of maternal beliefs about children's social behavior. *Merrill-Palmer Quarterly*, 38, 494-512.

- Paulussen-Hoogeboom, M.; Stams, G.; Hermanns, J. & Peetsma, T. (2007). Child Negative Emotionality and Parenting From Infancy to Preschool: A Meta-Analytic Review. *Developmental Psychology*, Vol. 43, No. 2, 438–453.
- Pereira, A. I. F. (2009). *Crescer em relação: Estilos parentais educativos, apoio social e ajustamento. Estudo longitudinal com crianças em idade escolar*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Pinderhughes, E. E., Dodge, K. A., Bates, J. E., Pettit, G. S., & Zelli, A. (2000). Discipline responses: influences of parents' socioeconomic status, ethnicity, beliefs about parenting, stress, and cognitive-emotional processes. *Journal of Family Psychology*, 14(3): 380-400.
- Putnam, S. P. & Rothbart, M. K. (2006). Development of Short and Very Short Forms of the Children's Behavior Questionnaire. *Journal of Personality Assessment*, 87(1), 103–113.
- Putnam, S., Sanson, A. & Rothbart M. (2002) Child temperament and parenting. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting* (Vol. 1, 2nd ed., pp. 255–277). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Rivera, M. B. P. & Dunsmore, J. C. (2011). Mothers' acculturation and beliefs about emotions, mother-child emotion discourse, and children's emotion understanding in Latino families. *Early Education and Development*, 22, 324-354.
- Rothbart, M. K. (1981). Measurement of temperament in infancy. *Child Development*, 52, 569-578.
- Rothbart, M., Ahadi, S., Hershey, K. & Fisher, P. (2001). Investigations of Temperament at Three to Seven Years: The Children's Behavior Questionnaire. *Child Development*, Volume 72, Issue 5, pages 1394–1408.
- Sanson, A., Oberklaid, F., Pedlow, R., & Prior, M. (1991). Risk Indicators: Assessment of Infancy Predictors of Pre-School Behavioural Maladjustment. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, Volume 32, Issue 4, pages 609–626.
- Sanson, A. & Rothbart, M. (1995). Child Temperament and Parenting. In M. Bornstein (Ed.), *Applied and practical parenting* (Vol. 4, pp. 299–321). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Sheeber, L. H. & McDevitt, S. C. (1998). Temperament-focused parent training. In J. M. Braeneister and C. H. Schaefer (Eds.). *Handbook of parent training*. (pp. 479-507). New York: Wiley.

- Sheehan, M. & Watson, M. (2008). Reciprocal influences between maternal discipline techniques and aggression in children and adolescents. *Aggressive Behavior*, 34, 245-255
- South, S., Krueger, R., Johnson, W., & Iacono, W. (2008). The Heritability of Personality Is Not Always 50%: Gene-Environment Interactions and Correlations Between Personality and Parenting. *Journal of Personality*, Volume 76, Issue 6, pages 1485–1522.
- Steinberg, L., Lamborn, S., Darling, S., Mounts N. & Dornbusch, S. (1994). Over-Time Changes in Adjustment and Competence among Adolescents from Authoritative, Authoritarian, Indulgent, and Neglectful Families. *Child Development*, Volume 65, Issue 3, pages 754–770.
- Stice, E., & Barrera, M. (1995). A longitudinal examination of the reciprocal relations between perceived parenting and adolescents substance use and externalizing behaviors. *Developmental Psychology*, 31, 322–334.
- Stormshak EA, Bierman KL, McMahon RJ, Lengua LJ. (2000). Parenting practices and child disruptive behavior problems in early elementary school. *J Clin Child Psychol* 29: 17-29.
- Strassberg Z, Dodge KA, Pettit GS, Bates JE. Spanking in the home and children's subsequent aggression toward kindergarten peers. *Development and Psychopathology*. 1994;6:445–461.
- Stright A., Gallagher K. & Kelley K. (2008). Infant temperament moderates relations between maternal parenting in early childhood and children's adjustment in first grade. *Child Development*, Volume 79, 186-200.
- Thomas, A., & Chess, S. (1977). *Temperament and Development*. New York: Brunner/Mazel.
- Thomas, A., Chess, S., Birch, H.G., Hertzog, M. E., & Korn, S., (1963). *Behavioral individuality in early childhood*. New York: New York University Press.
- Ulbricht, J.; Ganiban, J. M.; Saudino, J.; Reiss, D.; Neiderhiser, J. M. (2011). Understanding Child-Based Effects on Parenting: Temperament as a Moderator of Genetic and Environmental Contributions to Parenting. *Developmental Psychology*, v47, n3, p676-692.
- Wahler, R. G. & Dumas, J. E. (1989). Maintenance factors in coercive mother-child interactions: the compliance and predictability hypothesis. *Journal of Applied Behavioral Analyses*, 19 (1): 13-22.

- Watson, Malcolm W., Fischer, K. W., Burdzovic Andreas, J., & Smith, K. W. (2004). Pathways to aggression in children and adolescents. *Harvard Educational Review*, 74, 404-430.
- Webster-Stratton, C. (2001). *Parenting practices interview*. Unpublished assessment instrument. (<http://www.son.washington.edu/centers/parenting-clinic/forms.asp>).
- Weiss B., Dodge K.A., Bates J.E. & Pettit (1992). Some consequences of early harsh discipline: child aggression and a maladaptive social information processing style. *Child Development* ;63(6):1321-35
- Weiss, L. & Schwarz, J. (1996). The Relationship between Parenting Types and Older Adolescents' Personality, Academic Achievement, Adjustment, and Substance Use. *Child Development*, Volume 67, Issue 5, pages 2101–2114.
- Zentner, M. & Bates, J. (2008). Child Temperament: An Integrative Review of Concepts, Research Programs, and Measures. *European Journal of Developmental Science*. Vol. 2, No. 1/2, 7–37.

ANEXO I – Protocolo de Consentimento Informado



Caras Mães,

Vimos convidá-la a participar no projeto **“Pais à medida. Temperamento, parentalidade e adaptação em crianças em idade pré-escolar e escolar”** organizado pelo Núcleo de Psicologia da Saúde e da Doença da **Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (FPUL)**, coordenado pela Prof^a Doutora Luísa Barros e que tem como objetivo conhecer melhor o comportamento das crianças entre os 3 e os 9 anos, as características dos filhos e as estratégias que as mães utilizam para a educar os seus filhos.

Para participarem, terão de entregar o formulário de consentimento que se encontra no final da página. Antes de o preencher, por favor leiam atentamente as informações abaixo.

O que é este Projeto?

É um projeto de investigação que pretende estudar o comportamento das crianças entre os 3 e os 9 anos as características das mães e dos filhos e as estratégias que as mães utilizam para a educar os seus filhos.

Se aceitar participar, o que me é pedido?

Nesta primeira fase pedimos à mãe que assine esta autorização na folha anexa e a devolva à profissional que acompanha o filho. No caso de aceitar participar no estudo, ser-lhe-á fornecido um envelope com um conjunto de questionários relacionados com o comportamento das crianças, as características das crianças, e as estratégias que usam para educar os filhos, e um envelope para sua devolução. Após o preenchimento, os questionários deverão ser devolvidos à profissional, no envelope fechado e sem identificação. A participação no estudo implicará a partilha por parte do profissional que acompanha a criança de algumas informações essenciais à caracterização da situação clínica da criança.

Qual a vantagem de participar?

A informação recolhida nos questionários e analisada pela equipa permitirá contribuir para o avanço do conhecimento sobre as características das crianças e sobre o comportamento infantil e as estratégias educacionais maternas. Este conhecimento é fundamental para desenvolver programas de apoio aos pais com maiores dificuldades na educação dos filhos.

Sou obrigado a participar?

A participação é voluntária, mas é muito importante para nós termos o maior número possível de participantes. Se recusar participar neste estudo, isso não afetará o

acompanhamento prestado ao seu filho. A participação no estudo pode ser interrompida em qualquer momento.

Quem tem acesso aos dados?

Os dados recolhidos são totalmente confidenciais. Apenas os elementos da equipa de investigação têm acesso aos dados individuais. Cada questionário terá um código que permitirá identificar as respostas e que apenas será conhecido pelos investigadores do projeto.

Os resultados coletivos, resultantes da combinação das respostas de todos os participantes, serão tornados acessíveis aos pais que assim o pretendam no final do estudo.

Se precisar de mais informação, com quem deve contactar?

Por favor, contacte com a responsável, Prof^a Doutora Luísa Barros, através do e-mail: lbarros@psicologia.ulisboa.pt.

PROTOCOLO DE CONSENTIMENTO

Projeto: Pais à medida. Temperamento, parentalidade e adaptação em crianças em idade pré-escolar e escolar

Código: ■ ■ ■ ■ ■ ■

Eu, _____
_____, encarregado de _____ educação
de _____, li a informação
fornecida e

(assinalar com uma cruz a opção escolhida).

☐ Aceito participar no Projeto Pais à medida

☐ Não aceito participar no Projeto Pais à medida

Assinatura:

_____ Data:
